

POÉTICA BARROCA
DO MONUMENTO DE MAFRA
(Seleção, apresentação e notas de Manuel J. Gandra)



Manuel J. Gandra©

NOTA PRÉVIA

[...]

Eis senão quando – caso nunca visto! –
Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

NICOLAU TOLENTINO

Proponho este livrinho como paráfrase ao famoso soneto em epígrafe. Aliás, não exactamente o livrinho, mas o inspirador dele, o *Monumento de Mafra*, inesperadamente surgido, qual incomensurável colchão de um diminuto toucado de sécia.

Raros monumentos suscitaram em Portugal tão pródiga produção literária. Recordo-me apenas de uma outra circunstância idêntica, de resto, quase contemporânea, a Estátua Equestre de Dom José I, no Terreiro do Paço, também ela alvo de uma extraordinária cópia de sonetos, epigramas, odes, canções, acrósticos, romances em verso, silvas, anagramas, etc., etc., algumas, como no caso vertente do Monumento de Mafra, de intenção claramente laudatória ou teor inequivocamente satírico-diatribico.

Considero o volume ora editado uma colectânea inconclusa, porquanto não dei por encerrado o arrolamento das fontes literárias barrocas congêneres.

A pesquisa revelou ainda os seguintes exemplos, não contemplados na presente antologia:

**Mafra Centum Carminibus seu Totidem Famae Linguis, cum versu intercalari celebrata* (poema do padre Rafael Bluteau, Lisboa, 1731)

**Fundação do Convento de Mafra* (poema em oitava rima de José de Faria Arrais);

**Sobre a construção de Mafra* (soneto de Borges de Carvalho);

**Tu sagrado respeito* (soneto de Joaquim de Santa Ana);

**Ao Real Templo de Mafra e a seu Régio Fundador* (soneto anónimo);

**À singular e sobre todas admirável obra de Mafra* (poema do padre frei Manuel Baptista de Castro);

**À Real Obra da igreja de Mafra* (poema assinado com o acrónimo CM).

Manuel J. Gandra
Mafra, Julho de 2002

ÍNDICE

Anónimo
Romance

Dom Henrique Henriques de Almeida
Soneto - Ao Excelente e Majestoso Templo de Mafra

Doutor Alexandre António de Lima
Romance Heroyco – A El Rei Nosso Senhor mandado fabricar el templo magnifico de Mafra

Frei José de Nossa Senhora
Seis anagramas, reais, e cronológicos, aplicados à gloriosa dedicação do sumptuoso, e admirável, Templo de Mafra

Francisco Spineda de Cataneis
Soneto

Dom Domingo Novi Chavarria (pseudónimo de José de Assunção)
Soneto

Tomás Pinto Brandão
Função Real na Sagração do Templo de Mafra - Silva

Tomás Pinto Brandão
Descrição de Mafra – Romance

Tomás Pinto Brandão
Segunda Jornada a Mafra por outro Caminho e pelo mesmo - Romance em EL

Tomás Pinto Brandão
Jornada terceira a Mafra por outros caminhos, e alguns atalhos do mesmo teimoso
Tomás Pinto Brandão – Romance

Tomás Pinto Brandão
Jornada que fez Tomás Pinto, pelo Rio de Mouro, a Mafra – Romance

Canteiro de Borba
Relação em Trovas da Real obra de Mafra, feita no primeiro de Janeiro de 1732

Mestre Pedreiro Valério Martins de Oliveira
Advertências aos Modernos, que aprendem os Ofícios de Pedreiro e Carpinteiro

Anónimo

*Padre Nosso glosado pelos homens que andavam nas obras de Maфра
trabalhando sem se lhe[s] pagar*

Manuel Godinho de Seixas

Canção - Qui creavit me, requievit in tabernaculo meo

Manuel Godinho de Seixas

Romance decassílabo - Venite ergo, fruamur bonis, quae sunt

Joaquim Simpliciano do Canto

Romance Cronológico-Histórico

Joaquim Simpliciano do Canto

Endechas

Gaspar Leitão da Fonseca

Sonetos à morte do fidelíssimo Senhor D. João V

Félix da Silva Freire

Epitáfio métrico

Manuel Pereira da Costa

*Calíope Sacra, que em doze sonetos à Real Fundação do Convento de Maфра consagra
reverente à Majestade Augusta, e Fidelíssima de el Rei D. José I, nosso senhor*

Padre Alberto da Fonseca Rebelo

*Catálisis ou Assolação da cidade de Lisboa pelo terramoto do primeiro de Novembro
de 1755 com a preservação do Real Convento junto à vila de Maфра*

Vieira Lusitano

O Insígne Pintor e Leal Esposo

João Jorge de Carvalho

*Gaticanea, ou Cruelíssima Guerra entre os Cães e os Gatos, decidida em uma
sanguinolenta batalha na Grande Praça da Real Vila de Maфра*

Anónimo

Romance ¹

O nosso Rei Dom João
o 5º no nosso tempo
partiu ao lugar de Mafra
para fundar um convento.
Mafra até [a]qui sem nome
agora tão afamada
andas nas bocas do mundo
com tão grande nomeada.
Foi toda a Corte assistir
nesta função festival
o Patriarca também
que fez o Pontifical.
Um grande altar se levanta
na área daquele templo
mas como foi tão sublime
lhe causou ruína o tempo.
Mas com grande diligência
logo outro se levantou
inda que não tão sublime
na majestade igualou.
E sem que muito encareça
a forma da instrutura [=estrutura]
muito mais subiu de ponto
na ordem, e Arquitectura.
Foi peregrina esta fábrica
singular e toda rica
ornada de tanto ouro
que toda foi maravilha.

¹ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ms. 50, fl. 34-36.

Debaixo dela um altar
se obrou com tal adorno
que o menos que o fez grande
é o muito que teve de ouro.
Telas, brocado e prata,
e tesuns de mais valia
lhe serviram de ornato
como também pedraria.
É de prata ao martelo
o altar, que é portento
de tão singular primor
que excede o encarecimento.
Tudo se armou com grandeza
de seda, e rica armação
com tão grande Majestade
que causou admiração.
Não é muito que assim fosse
pois o espírito real
obra excessos de Monarca
dispõem com mão liberal.
Em dezasseis de Novembro
será dia neste mês
dedicado à fundação
de António Português.
No ano de setecentos
além mais de dezassete
lançou-se a primeira pedra
do Templo para alicerce.
É dedicada esta casa
ao santo Português
António que é luz do mundo
p'la mercê que lhe fez.
Guarda a forma de uma cruz
que é a defesa da fé
disposto com tal grandeza
que uma maravilha é.
Tem el Rei tal Majestade
que nada lhe é igual
porque a todos premiou

com mão larga, e liberal.
Todos ficaram contentes
do agrado com que obrou
nas galas com que luziu
no rico com que lustrou.
Não se conta em tempo algum
excesso tão singular
nem das memórias se conta
outra tal em Portugal.
É tão magnífico este templo
que se não acha segundo
e assim se pode contar
por maravilha do mundo.
Assim se fica bem vendo
que esta obra é singular
e que a perder de vista
fica o grande Escorial.
Agora vejam bem todos
quanto excede nesta vez
ao valor de um Filipe
o valor de um Português.
[A]inda no seu advogado
mostra o realce fino
que Lourenço logra a glória
mas António a Deus Menino.
Lançaram a primeira pedra
com aplauso na função
assistindo a Majestade
do grande Rei D. João.
É dia de São Gregório
grande doutor da Igreja
que este memorável dia
[a]inda este santo o festeja.
Pois da milícia de Cristo
sois António grão soldado
contra nossos inimigos
sede com Deus advogado.
E a quem vos funda casa
com despesa tão sem conta

sejais seu intercessor
tomando por vossa conta.
Fazei ditoso este Templo
pois tendes de vossa mão
a Deus Menino e Senhor
vosso amor, vossa afeição.
Dilatai anos de vida
a quem com mão liberal
despende com tal grandeza
em obra tão singular.
Parece de Salomão
este templo afamado
pela gente que se ocupa
de contínuo em seu trabalho.
Alcançai António Santo
de Deus Menino humanado
a quem vos dedica o Templo
saúde para acabá-lo.
E que com jubileu santo
e com gosto sublimado
possa ver o Sacramento
em seu altar venerado.

Dom Henrique Henriques de Almeida

Ao Excelente e Majestoso Templo de Maфра

*Soneto*²

Nesse templo, ou assombro a toda a Idade.
Do luso Salomão sacro edifício,
É cada pedra a Deus um sacrificio,
Cada estátua um padrão da Majestade.

Do régio voto a singular piedade,
Igualando ao milagre do artificio,
Quis dar ao céu qualificado indício
Das forças, do poder e da vontade.

Sem tempo, o tempo a impulsos da grandeza
Pode ver consumado o heróico efeito,
Dá impossíveis, laur[e]ando-se a fineza

Pois tão augusto e majestoso peito
Só excedendo a mão da natureza
Deixar pudera o voto satisfeito.

² A. Ferrand de Almeida Fernandes, *Um Soneto em honra do Convento de Maфра*, in *O Concelho de Maфра* (Jan. 1954). O autor foi capitão de Cavalaria e, depois, Comissário Geral da Arma. Faleceu em Abril de 1732.

Doutor Alexandre António de Lima

**A El Rei Nosso Senhor mandando fabricar el
templo magnifico de Mafra**

Romance Heroyco ³

Monarca portentoso, que oy has dado
nuevo assumpto a las plumas, y a las lengoas
pues fabricas un Templo a tu memoria,
quando al cielo dedicas una offrenda.

Aun el arte tus glorias edefica
quando tu religioso mas te empeñas;
pues esos obeliscos, que Levantas
padrones son que erige a tu grandesa.

Offreces para el voto en lo elevado
desse templo las aras mas excelssas;
porque lo soberano aun en los cultos,
deve al mundo mostrar las diferencias.

Com razon en su esfera has emprehendido
el mostrar la mayor magnificencia,
que a no ser singular, a no ser grande
no fuera de tu braço digna empreza.

Como a las duraciones de tu nombre
de la Fama la voz ceder podiera
en el marmol, y el jaspe a tus aplauzos
has buscado mas solida materia.

³ Editado in *Semana de Mafra* (6 Ago. 1905). Encontra-se manuscrito na Biblioteca Pública de Évora, sendo citado no *Catalogo razonado de los autores portugueses que escribieron en castellano* (Madrid, 1890), sob o título *Romance de Mafra*. O autor foi sócio da *Academia dos Ocultos e dos Aplicados*, tendo escrito várias óperas, representadas no séc. XVIII, e do poema satírico *Benteida*.

Fabrica esse edificio portentozo,
para que en las edades venideras
quando se admiren tantas celsitudes
de tanta Magestad se hallen las señas.

Tan gigante se erige, que pomposo
del vago viento la region estrecha:
pues tiene para excessos de lo altivo
en tu poder fundada su eminencia.

Obra tan grande prometerte pudo,
que hasciendo tu memoria, y fama eterna
no solo el nombre tuyo se publique
pero tambien tu espirito se vea.

Dure, pues, essa maquina elevada,
y no admita en le mundo competencias,
pues no la hirieras maravilla tuya,
só esta sola a las siete no excediera.

Frei José de Nossa Senhora

**Seis anagramas, reais, e cronológicos, aplicados à
gloriosa dedicação do sumptuoso, e admirável,
Templo de Mafra ⁴**

Epígrafe mais própria, mais principal, e mais universal de Sua
Majestade que Deus Guarde

João V

por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves,

A qual posta de pé da letra por dicções latinas, e com todas suas
conjunções literais, manifesta em seis Anagramas, seis principais
circunstâncias, que cronologicamente se observam na gloriosa
Dedicação de Mafra, celebrada com Régia Magnificência.

I

No Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1730

II

No Ano do Nascimento de El Rei Nosso Senhor 41

III

No Ano do seu Real Governo 24

IV

No Mês de Outubro

V

Aos Dias do Mês 22

⁴ *Seis anagrammas, reaes, e chronologicos, applicados à gloriosa dedicação do sumptuoso, e admiravel, Templo de Mafra [...]*, Lisboa, 1731 [Biblioteca Pública e Arquivo de Évora: cod. CIV/2-1].

VI
No Dia de Domingo

I
Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1730

PROGRAMA

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae ac Algarbiorum Rex.

Segunda vez impresso para entrar com os mais no Real Patrocínio. Mostra, que a gloriosa Dedicção do sumptuoso, e magnífico Templo de Mafra, por ser obra digna da grandeza de Sua Majestade, devia infalivelmente efectuar-se no presente ano do Nascimento de Cristo, pela grande congruência, que, para uma tão Real empresa, se acha entre este ano, e aquele Título; o Título pelo valor de suas letras numéricas, e o ano pelo número de sua conta cronológica, resultando de qualquer de ambos o mesmo cômputo de 1730.

ANAGRAMA I

Ioannes V. DeI gratIa portVgaLlae aC aLgarbIorVM reX
1 5 500 1 5 501 50 1 5 1000 10

II
Ano do Nascimento de El Rei Nosso Senhor 41

PROGRAMA

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae et Algarbiorum Rex.

Descobre, por transposição de todas suas letras, que sua Majestade põe em formidável consternação ao mesmo Inferno, com uma Real Empresa, (a Dedicção de Mafra) que fez publica, cumprindo

felizmente de sua idade, (que o Céu eternize) em perfeito, e consumado giro, o ano 41.

ANAGRAMA II

À probè giro XLI aetatis anno regali re Vedium gravat
41

III

Ano da Real Coroa de Sua Majestade 24

PROGRAMA

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae Algarbiorumque Rex.

Ostenta, pelas mesmas letras, em outra forma transpostas, que El Rei Nosso Senhor cingirá uma Coroa de imortal glória, solicitada pelas Orações da Santa Família da Arrábida, agradecida ao muito, (o Real Convento de Mafra) que recebeu de Sua Majestade no ano de seu Real Governo, e Coroa 24.

ANAGRAMA III

At Solii anno XVVVIV pre Arabidae grege gloriam querat.
24

IV

Mês de Outubro

PROGRAMA

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae ac Algarbiorum Rex.

Explana, por outra diferente transposição das letras, que Sua Majestade dá santo aumento à glória Lusitana, com o grande Templo (de Mafra) consagrado nas Reais expedições do mês de Outubro.

ANAGRAMA IV

Grandi Ara OCTOBRI navia, Rex auget piè gloriam Lusae

Dias de Mês 22

PROGRAMA

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae atque Algarbiorum Rex.

Expõe, em uma separação dimidiada entre todas as letras vogais, e consoantes, que estas, em todo o seu cômputo, tem identificada consonância com o numero 22. Número ditoso dos dias de Outubro; não só por ter nele feliz Oriente o Sol Lusitano, que hoje nos ilustra; mas também por ter nele Real efeito o sagrado empenho de Sua Majestade, na gloriosa Dedicção de Mafra, celebrada no mesmo dia 22.

ANAGRAMA V

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae atque Algarbiorum Rex.

11 11 11 11 11 11 11 11 11

VI

Dia de Domingo

PROGRAMA

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae ac Algarbiorum Rex.

Declara, por última transposição de suas letras, que, no Dia de Domingo, se levantou para o gosto de Sua Majestade a mais verdadeira glória, que em sua Real grandeza, são os muitos, e inexplicáveis bens,

que (com o grande Convento de Mafra) deu a Párvula Religião da Igreja.

ANAGRAMA VI

Ex DOMINICA surgit gloria vera Regi, bona lata Parvae

FINIS

Ioannes V. Dei gratia Portugaliae ac Algarbiorum Rex.

ANAGRAMA CRONOLÓGICO

Achado na mesma Inscrição de Sua Majestade, que pelo valor de todas as suas letras numéricas, prometia alguma grande Real Empresa, (e parece ser a gloriosa Dedicção do sumptuoso, e admirável Templo de Mafra) no ano de 1730.

Ioannes V. Dei gratia portVgaLlae ac aLgarbIorVM reX.

1 5 50 1 1 5 50 1 100 50 15 1000 10

LAUS DEO OPT.MAX.
PRO
MAXIMO MIRACULORUM
À
PRINCIPIBUS MUNDI
FACTORUM
SERAPHICA BASILICA
DE
MAFRA
CONDITA
À
MAGNO, et MAGNIFICO
LUSITANORUM REGE

J. V.

ANAGRAMA CÚBICO ⁵

DOM IOAÕ O QUINTO REY DE PORTUGAL ,
E DOS ALGARVÊS DA' QUEM, E DALEM MAR
EM AFRICA, SENHOR DE GUINE'

Anagramma

Q' SERA' QUEM EM MAFRA LEVANTARA'
HUMA IGREIA. LUSENTE PRODIGIO DO
MUNDO, GLORIA DE DEOS, E DO CEO.

*Vem o mundo a conhecer
que tempo tão celebrado
estava já delineado
no regio nome, e poder.*

Repetese em outro sentido.

*Quem de profecias goza
vive com todo o seu cuidado
Templio, e Autor profetizaão
nesta pergunta, e resposta.*

QUEM LEVANTARA' EM MAFRA HUMA IGREIA.
1A. Q' SERA' LUSENTE PRODIGIO DO MUNDO ,
GLORIA DE DEOS, E DO CEO?

*Resposta
em Anagramma*

DOM IOAÕ O QUINTO REY DE PORTUGAL ,
E DOS ALGARVES DA QUEM, E DALEM MAR
EM AFRICA, SENHOR DE GUINE'

Prova . . . a c d e f g h i j k l m n o p q r s t u

Francisco Spineda de Cataneis

Soneto ⁶

Laltéra Mole u' 'l Pescator risiede
Ceda a questa del Mafra ogni suo vanto,
che quella, che un Di eresse entro a Bisanto
Il Magno Constantín, vinta, le cede.

Così fan quante il vago Sol ne vede
Al Tamígi, alla Scenna, e in ogni canto
Del Pó, dell' Istro, e Manzanar. Pur tanto
In pochi Mesì, il RE GIOVAN, cí diede!

Quanto il Mondo ha nel sen degno dí onore
Quivi sí mira! Or' opra tal, chi féo,
Sia Principe, sia Rè, sia Imperadore?

In questa Mole ecielsa, almo Trofeo
Della Sua gran Pietà, del Suo gran Core,
Il Fíglivol dí David vincer protéo.

⁶ *Il conte* [...], *Umilissimo, divotissimo, obequiosissimo servidore perpetuo* Per il celebre Monastero, e Nobilissimo Tempio che la Sacra Real Maestá di Giovanni V. Ré di Portogallo, dell' Algarbie, dell' Indie etc. Ha fatti eriggere al Mafra. Sonetto. [1730] [BN: L 593 / 44 A].

Dom Domingo Novi Chavarria
(pseud. de José de Assunção)

Soneto ⁷

Esta, que admiras fabrica, esta prima
pompa de la Escultura, ó caminante,
y paredes, con quien el fuerte Atlante
informa bronces, marmoles anima:

En metales mordidos de la lima,
en porfidos rebeldes al diamante,
obra toda de artifice elegante,
que al Zafir con assombro se sublima.

Sacra ereccion de Principe glorioso,
Magestuosamente levantado
con esplendor Real, con pompa rara;

Este Templo, por ser mas sumptuoso,
nunca bastantemente celebrado,
Si mudo admiras, admirado para.

⁷ *En Aplauso del Magnifico Sumptuoso Templo, que en la Villa de Mafra erigió el siempre Invicto Augusto Monarca D. JUAN QUINTO, nuestro Señor.* Soneto. Todo compuesto de versos de Gongora. [1730] [BN: cod. pombalino 126, fl. 6; L 593 / 44 A].

Tomás Pinto Brandão

Função Real na Sagração do Templo de Mafra
*Silva*⁸

Antes que se me escape da memória,
meus devotos ouvintes, vá de história;
não tem mais mal, que ser por mim contada
que assim é uma matéria mui sagrada;
porém, também tem nisso alguma dita,
por ser mui verdadeira a minha escrita;
eu não assisti nela;
mas tenho um verdadeiro informe dela;
e ainda que de ouvida,
é duvidosa a história, ou menos crida;
também se eu lá me achasse ,
pode ser que das luzes me cegasse;
e se tudo não visse,
é força, se o calasse, que o sentisse;
com que para inteirar-me mais agora,
quis ouvir, e julgar melhor de fora:
porém sempre cantando ao aprazível,
que ser nisso mudável, é impossível;
e até aos inimigos,
que calo, de respeito a meus perigos,
a vénia tomo, e a reverência;
se não gostarem tenham paciência.

Testemunha 1

As testemunhas vêm; vamos a isto:
foi a primeira um homem pouco visto;
e eu em termos me paz de ir escrevendo;

⁸ *Função real na sagração do Templo de Mafra*: Sylva, Lisboa Ocidental, Oficina da Música, 1730.

mas ele, em termos me atalhou, dizendo:
Senhor meu, se você pasmos escreve,
pois quem a Mafra foi só pasmar deve,
eu, todo o meu dizer, em pasmo o fundo;
ponha aí, o maior que, houve no Mundo!
Também eu, lhe disse eu, estou pasmado
do seu dizer; e estou no mesmo estado!
fale vossa mercê com mais clareza:
pois, amigo, disse ele, tal grandeza
nem a diria bem, quem mais a visse,
quanto mais quem é cego; e al não disse:
com que, sem dizer nada o meu amigo,
se foi pasmado, e assinou comigo;
porém outro virá, talvez mais mudo,
que tudo diga, sem que conte tudo.

Testemunha 2

Outro entrou, fraca roupa, e de baeta,
que tudo são insígnias do Poeta;
eu, porque o vi tremendo, juraria
que jurar falso o pobre quereria;
por isso o juramento lhe dei logo;
mas disse, que poria a mão no fogo;
e perguntado pelo conteúdo,
as sobranceiras me arqueava a tudo;
sacou do bolso, e deu-ma por escrito;
em cuidando que o homem me encovava,
abri logo o papel, que isto encerrava:
(são só duas Quintilhas
que uma se funda em duas maravilhas)

No mês em que anos fazia
Monarca Lusitano
é que Mafra mais luzia;
vinte e dois (formoso dia!)
quarenta e um (Real ano!).

O que eu neste dia vi
não cabe em dito comum;
e se houver Poeta algum

que o queira meter em si,
é mais louco que nenhum.

Foi-se, sem mais dizer, que não foi pouco;
e quando nada, me chamou mais louco.
Mais pudera dizer do ano, e dia;
mas coitado, talvez não saberia.

Testemunha 3

Seguia-se o terceiro,
que dos costumes, disse, ser Pedreiro;
e perguntado pela pedraria?
respondeu, que a compasso, *Cantaria*;
assim o fez; que esteve na Pedreira,
e das Torres falou nesta maneira:
Torres novas não há, nem Torres velhas,
que com as que lá estão; façam parelhas:
ninguém na da Trindade mais me fale,
porque qualquer das duas, por *três* vale:
e se à do Carmo a do Loreto agregam,
uma posta sobre outra, não lhe chegam.
a de Moncorvo é *forte* desvario
a de Belém, da Barra, e do Bugio,
todas se põem por terra à vista delas,
que as pedras se levantam contra aquelas:
todas prostram (não cuide que lhe zombo)
todas tombam que são Torres do *Tombo*
mas teve o Mestre um grande companheiro,
que muito ajudou, *Pedro Pinheiro!*
Pois da função, disse eu, não me diz nada?
não, senhor, me disse ele; e só a entrada
vi; mas foi porque dei à Torre um salto,
que só podia ver-se de tão alto:
pois desça para baixo; e vá-se embora,
que temos de fazer: quem está aí fora?

Testemunha 4

Nisto entrou um Sineiro,
e creio que também Relojoeiro;

pois logo sem demoras
me disse, que em dois modos vinha a *horas*,
de jurar, e tocar, o que soubesse:
e eu disse, que jurasse, e que tangesse;
disse pois, que era pobre por estrela,
e que por sino se vingava dela.
isso, amigo, disse eu, é escusado;
fale nos sinos cá, deixe o estrelado:
pois creia-me, disse ele, que só estes
podiam competir com os celestes;
porque o metal da voz é tão subido,
que até dos *Astros* pode ser ouvido:
mas voltando aos da terra, sem remoque,
já nos do Céu não falo, nem por toque,
que assim devo fazê-lo;
porém para melhor poder dizê-lo,
permita, que em metáforas me esgote;
e pois vi aos primeiros de *capote*,
que aos *centos* os contaram;
tafuis de fundição; que os baralharam;
porque em jogo dobrados os explique,
de mão será preciso que os *repique*:
o grande entrou rodando em jogo franco,
e o jogo ia perdendo de barranco;
mas uma Real carra, que lá teve,
tal forma lhe deu, em tempo breve,
que o jogo voltou logo,
por lhe acudir de paus um forte jogo;
com que ali restaurou todo o perdido,
e depois de abalado, foi tangido;
que vieram, aos *centos*,
homens de Mafra, tantos como tentos,
a levar todo o bolo, (e com bom gosto,)
que na mesa de campo foi reposto:
eu, tendo a paciência já cansada
de ouvir ao homem tanta badalada,
lhe disse: essa metáfora está boa;
mas no que toca a sinos, não me soa;
pois tudo o que declara,

lá no sino concorda; mas não ata:
levantou-se sentido,
e foi-se mais que os sinos, bem corrido;
ou iria de jogo a outra casa,
vendo, que nesta minha não fez vasa.

Testemunha 5

Entrou cantando um moço,
que eu conhecia, músico do troço;
por sinal, que fazia
com ar de minuete a cortesia;
perguntei-lhe, se fora convidado?
disse que não, que esteve molestado;
e que uma voz divina, que ao Céu toca,
não cabia no Céu da sua boca;
mas na música entrando, com decoro,
disse, que um órgão vira em cada Coro;
e com o mesmo espanto
contou, que um Coro ouvira a cada canto;
e que era de seis órgãos a harmonia;
as vozes, veja agora o que seria?
Músico que adoece
em tal função, disse eu, fraco parece;
e assim veja o que jura, com efeito,
quando não, hei-de dá-lo por suspeito:
pois, disse ele, bem pode chamar outro,
que eu mais não canto; ainda que vá a um Potro:
foi-se; e o pouco que disse não me espanta;
que aquilo não lhe passa da garganta.

Testemunha 6

Chegou outro enfronhado em fidalguia,
que informar-me de Mafra bem queria;
e sem eu lho oferecer, tomou assento;
mas dei-lhe de fidalgo o juramento
com bastante trabalho,
porque lhe inquiri logo do agasalho?
eu, disse ele, não sou cá dos melhores,
mas tive lá lugar; não dos piores:

porém na minha quinta retirado,
em três anos estou desempenhado.
Pois vossa Senhoria,
lhe disse eu, não achou lá companhia?
Sim achei, me disse ele, a dos Soldados,
mas foi força ficar na dos quebrados;
o que vi da função, não sei dizê-lo,
podendo, mais que alguns, ouvi-lo, e vê-lo:
e aqui para entre nós (que aqui só fica)
a Obra é pia, santa, nobre e rica;
sem embargo, que tanto tem custado,
porém de El Rei o intento foi sagrado:
que andou bem eficaz no seu empenho,
eu o juro, pelo hábito que tenho:
e juro mais, pelo hábito de Cristo,
que outro Rei tão feliz se não tem visto:
aqui se ergueu; e com desembaraço,
me disse, a Deus, a Deus, que vou ao Paço:
foi-se: mas eu também, indo à janela,
vi, que ia a passo, em mau rocim, e sela;
que seria a razão, ficar quebrada
a sege, e mais a besta, da jornada.
Eu não lhe vi o hábito; mas creio
que o traria metido no seu seio;
e seria Bentinho sem divisa,
que encobria debaixo da camisa;
mas para seu abono,
parou pelo de Cristo, de outro dono;
e será o primeiro
que por hábito jura de Terceiro.

Testemunha 7

Chegou um Frade gordo, e reverendo,
que logo pela porta entrou dizendo,
In verbo sacerdotis jurar posso:
tenha mão, lhe disse eu, ó Padre nosso
vossa Paternidade
bem pode sem jurar dizer verdade:
pois digo-lhe, disse ele, que admirado,

venho de ouvir, e ver tanto sagrado!
afirmo-lhe, por certo,
que entrei no Templo, e vi o Céu aberto;
pois, de cantos celestes,
Divinas cerimónias, Sacros Prestes,
toda foi Sacramento aquela glória,
que entre os Cristãos ficou para memória;
e ficou pelo tanto,
também o nosso Padre, rico Santo;
pois o Rei, com grandeza,
lhe vestiu de fartura a sua pobreza:
quando eu em Mafra vi tanta fartura,
de Caia me lembrou a formosura,
de tanta Majestade,
tanto Título, e tanta Dignidade,
se encheu a Vila, de uma, e outra sorte,
que era Cúria pequena, e grande Corte!
in secula per omnia
no Mundo durará tal cerimónia:
aos latins deitei eu a língua fora,
pois também em latim se foi embora.

Testemunha 8

Seguiu-se um Castelhana, com tal brio,
que logo entrou ralhando, *Señor mio,*
yo vengo atolondrado,
Jesus, y que Monarca Dios le ha dado!
en la rueda del tiempo prezuroso
no se ha visto año, y dia más hermoso!
Con el dia cumplio su Magestad,
y tambien con el año de su edad;
por mas señas, que llenos de primores
y de affectos, los grandes, y menores,
à qual mas cortezano,
todos le fueram a bejar la mano:
y el Monarca, bañado en alegria,
a todos, con agrados recibia;
por esto, y lo que he visto de otras vezes,
fuerte embidia me dan los Portugueses!

*Allá en mi tierra huvieron profecias,
que se haria el tal Templo, nõ en sus dias;
manifiestos engaños,
pues en sus dias fué, siendo en sus años:
un proverbio vulgar, dize, que al hecho,
del dicho, quasi siempre vá gran trecho;
pero su Rey lo ha buelto por capricho,
que en el, mucho mas fue, del hecho al dicho;
y yo en el hecho he visto, para exemplo,
màs de lo que me han dicho de su Templo:
que es, de su Rey, lo fuerte, hazer visibles
aquellos que parecen impossibles;
y basta el Cielo, parece
que en detener las lluvias le obedece;
es liberal Monarca, sin segundo,
a quien le viene estrecho todo el Mundo;
y deme usted esse pliego,
porque tengo de embiarlo à Madrid luego:
aguarde usted, señor, que aun es temprano,
lhe gritei eu, também em Castelhana;
e porque a mais amigos corresponda,
será melhor que vá letra redonda:
bien está; me disse ele, e foi-se embora;
pero que bolveria en mejor ora:
e eu gostei do seu dito;
porque combina cá com o meu escrito.*

Testemunha 9

Entrou outro bizarro, e com bom modo,
todo melífluo, e mesurado todo,
Estrangeiro Católico, e Romano,
que se explicou por este Italiano:
*Che poss' io dir, di sì mirabil Opra,
ch'in rozze lodi, I preggi suoi non copra?
d'um Opra, ch'al gran fatto, hà superate
le meraviglie dell'antica etate?
Più la fama; non voli
di quelle, vaste sì, má egreggie mòli*

*dell' alto Colisseo, dell' Escuriale,
es'altra v'è di maggior grido, ò eguale:
Dal sen del bianco marmo rica vati
frutte, e frondi vid' io, vasi, ed ornati,
che dubbioso restai, se di natura,
ò di destra mortal sosser' fattura!
Restai dubbioso, se spargesse odore
così vero, e vezzoso era ogni fiore:
in somna, é l'alta fabrica, e'l gran Tempio
dell' humano poter l' ultimo esempio:
E' un trionfo del tempo: è dell' ingegno
il men creduto, èl più felice impegno:
e senza ch'in lodarla più m' affanni,
è un Opra, degna sol del Gran GIOVANNI.*
Eu tudo lhe entendi bizarramente,
e mais não sou na língua mui corrente;
porém, na despedida, ao Dom Francisco,
lá lhe empurrei, rasgado um Reverisco.

Testemunha 10

Cerrou a inquirição um conserveiro,
que também me cheirou a cozinheiro;
pois em matéria a papa reservada
meteu também a sua colherada;
ao qual eu fiz na mesa um cumprimento,
porque de outra Reais faria assento;
disse que a Mafra fora, ele, e mais quantos
na Corte havia, e lá se acharam tantos;
que como mestre que era na sua arte;
juraria o que coube à sua parte
e eu, no seu veria
dos mais o juramento qual seria:
e tanto o homem disse em meio quarto,
que uma folha me encheu, e não fui farto;
Contou tanta riqueza, sem jactância,
e tanta dos manjares a abundância,
que o número dos pratos não sabia;
mas que ouvira dizer, que custaria
mais de cem mil cruzados; que isso monta

gasto Real, de boca feita a conta,
que o estado das mesas,
uma fartura fora de grandezas;
com tão Reais bocados,
que as mesas igualavam aos estados.
A dos Frades foi mais que tudo isso,
pois, sobre grande, teve Real serviço;
porque baixou de toda a Majestade
o nosso Rei, à mínima humildade;
mas de Cristo aprendeu esses primores,
de servir os Maiores aos *Menores*:
nos fragmentos que dela sobejaram;
deu a entender (se acaso se contaram)
que podiam fartar a mil desejos,
falou nas mesas tudo com largueza,
e foi muito o que disse *sobre mesa*;
eu, vendo informação tão comezinha,
gostei dela, e ainda fome tinha
de ouvir o cozinheiro, ou conserveiro,
que ainda homem não vi mais verdadeiro,
nem que mais bem do dito se saísse;
porque tudo *provou*, quanto aqui disse.

O que visto, e o mais que se não olha,
nestas dez testemunhas dobro a folha;
porém eu, sem embargo a tanto dito,
acho que este processo é infinito;
e por dar ao meu feito melhor uso,
a juízo melhor o fiz conclusivo.

Lembre-me Deus em bem; eu na jornada
que fiz a Mafra, próxima passada,
a pouco, e muito estudo,
disse que a admiração dizia tudo;
porém também dizia,
que esse tudo, ainda nela não cabia;
dizia mais, e estou disso lembrado,
que o néscio se encobria no calado;
com que, não fora mau, nisto que conto,
fazer de admiração também o ponto:
valha-me Deus, não sei que faça agora

nesta minguada, ou apressada hora?
ora, lá foram grandes, e pequenos
que vêem muito mais que eu, (e alguns vêem menos)
orem todos por mim, pois corro risco;
e ora *pro nobis* Padre São Francisco;
para que El Rei, a impulsos soberanos,
mais Templos faça, e viva muitos anos.

VIVA

Tomás Pinto Brandão

Descrição de Mafra

Romance ⁹

Quem quiser da minha Musa
ver o pobre cabedal,
aqui lho descubro, em Coplas,
que acabam todas em Al.
As mais delas vão tecidas
naquele humilde troçal,
que urdi sempre, ao Português;
e só uma ao Juvenal.
Tudo uma pura clareza;
e uma verdade leal;
tudo um conselho maduro,
que parece verdeal.
Trinta anos me degradou
a fome, que é criminal;
e a Mafra também corri
sem sair de Portugal.
A Mafra fui; e o que vi,
só cabia no mental;
porém que lhe hei de fazer?
Vá de pintura verbal.
Ainda não vi semelhante
dilúvio de pedra, e cal,
Babilónia de mais línguas;
Arca de tanto animal!
Certamente afirmar posso,
que de doutrina braçal,
tanto Mestre não topei,

⁹ *Descrição de Mafra por [...]: Romance. [Lisboa Ocidental], [1730].*

nem vi tanto Oficial!
Uma Babilónia era;
mas não, que era mais formal;
porque ao Céu se dirigia,
e a outra foi infernal.
Não creio que haja no Mundo
Edifício tão cabal;
porque nenhum chega, a este
Português Escorial!
A Batalha, é um deserto;
Alcobaça, um arraial;
uma imperfeição Belém;
e só Mafra é principal.
Foi formada a toda a pressa,
mas tudo a braço Real;
nem se viu ainda à Capucha
estrondo tão liberal!
Bem mostra ser Deus, da Terra,
quem do Caos de um carrascal
criou um formoso Mundo,
a tantos Universal!
Era tudo o que vi junto
um primor artificial;
artificial? Mas disse,
que era tudo natural.
Eu, vendo tantos prodígios,
posto que condicional
meu prognóstico fiz,
que também sou Sarrabal.
E é que há de vir, da Ericeira
direito a Mafra um canal,
por onde os barcos caminhem,
e seja estrada naval.
Item que virá a ser Povo
de um, e de outro Tribunal;
com Justiça, em Crime, e Cível;
com Senado, e Vidigal.
E que, enfim, será, a que era
até agora um areal,

para os Frades um Condado
maior que o do Sabugal.
Onde as almas terão muito
regalo espiritual;
posto, que, no muito vento,
também será temporal.
Isto é (Deus sobre tudo)
que dou neste Edital;
e submetendo-me à Igreja,
entrarei mais ao moral;
Jesus! Que soberba obra
formosa, e substancial!
Na Itália não é possível
que haja pedraria igual!
Tais pedras se têm achado
naquela mina actual,
que só resta descobrir
a Pedra Filosofal!
Eu me vi, e eu me revi
na Igreja, e seu frontal;
um espelho é cada pedra
mais pura do que um cristal!
Seu intróito, cá na minha
também fabrica ideal,
grande Portal o supunha;
mas não tinha por tal!
Das colunas a eminência
é como a de um Cardeal;
São Pedro as não tem maiores
na sua Igreja Papal!
Se o nosso Alcides não fora
sempre a mais, no mineral,
de molde o *Non plus*, lhes vinha,
e com letra garrafal.
Pintadas por natureza
de excelente visual,
de outras nenhuma são cópia,
são de si original!
O Zimbório é uma ilha

de Madeira, e de Faial;
que um Pico há de ser de Mármore,
em forma piramidal.
São Vicente, atrás lhe fica;
Santa Engrácia, é eternal;
a Graça, lá tem alguma;
porém Mafra tem mais sal
São Nicolau, é sofrível;
Santa Justa, é trivial;
a Sé velha, é uma Sé velha;
O Hospital, um hospital.
A Misericórdia, é rica
para o vivente, e o mortal;
tem bom tecto, totalmente;
mas Mafra é Mente total.
O Alecrim, é uma folhagem;
O Loreto, um pedernal;
São Roque, uma boa Casa;
Santo Antão, um bom Casal.
A Sé nova, é assim, assim;
São Julião, tal, e qual;
São Francisco, uma pobreza;
São Domingos, um terral.
Carmo, caíu agora;
a Trindade, tem pontal;
a do Sacramento, é mesmo,
como aquela do Quental.
São Paulo, tem Boa vista;
e só é no essencial,
uma Coluna da Igreja
ou de Fé, um pedestal.
A dos Paulistas, é mina
de pedra superficial;
e ainda que ouro nos mostre,
não será Mina Geral.
Os Caetanos, ainda bem;
a do Desterro, ainda mal;
a de S. Bento, é Mongice;
a de Jesus, um Cardal.

A Esperança, nem do nome,
para ser maior, se vale:
mas ainda assim, é virtude
justamente Teologal.
Os outros Templos de Freiras
com todo o seu enxoval,
de pedra pedem esmolas
a Mafra, em memorial.
Santo António de Lisboa,
é maior, que o do Tojal;
mas foi um milagre, achar-se
riqueza em pobre Saial.
Nesta que além da Sé fica,
Paróquia individual,
bem cabe São Jorge a pé;
mas a cavalo, bem mal.
São Lourenço, é mui chamado
para o Noto, ou o Austral;
porém a Igreja, é de grelhas,
ou de Galhas um coval.
São Cristóvão, sim é grande,
e o maior que há no Missal,
mas todo o corpo da Igreja
cobre ele com seu Pinhal.
O Paraíso, só é
(falando do material)
pela humilde arquitectura,
Paraíso terreal.
São Bartolomeu, é Igreja;
porém lá tem um frechal,
que é o Diabo, em que se pega
o fogo de São Marçal.
O Salvador, Madalena,
e a do Monte, doutoral
são como os Mártires, que ainda
moram no Ferregial.
Nas Mercês, também não vejo
que haja alguma especial:
São Martinho, com meia Capa

se cobre, ou meio sendal.
Os Anjos, enquanto aos Anjos,
é coisa celestial;
enquanto, à Igreja, já vimos
alguma mais curial.
No Castelo, a Santa Cruz
é de Igreja um só sinal:
o Socorro, dava ajuda,
a algumas; e hoje é neutral.
São Sebastião, lá fica
afastado do usual;
e ainda que tem Pedreira,
apenas chega a um cunhal.
Santos, é mirrada Igreja
na trindade fraternal;
isto é no vulgar sentir,
que não é no literal.
A Glória pela calçada,
pena me dá corporal:
a Pena, também é pena
ficar lá junto ao Curral.
São Mamede, Santo André,
São Tomé, e a Marinhãl,
são quatro, e não fazem uma
em vulto Paroquial,
São Pedro, São João da Praça;
São Miguel, e outra que tal,
são de Alfama; e não são coisa;
sendo coisa Oriental.
São Tiago, é um buraco;
os Loios, é um pombal;
Santa Luzia, um argueiro;
Santa Apolónia, um queixal.
Os Grilos é uma gaiola,
mas de bom canavial,
onde qualquer deles canta
muito melhor que um pardal.
No Rilhafoles me dizem,
que há nova Oração mental;

mas essa não borra o livro,
que é de Oração Manual.
São José me ia esquecendo;
sendo também Patriarcal;
é de pedra uma relíquia,
e de pau um Santoral.
Nesta desfeita de Igrejas,
por minha ordem bocal,
só na Conceição não toco,
que é um Templo Virginal.
Se outra me escapar alguma,
será culpa venial
que a deixe, por escondida,
ou por pobre pastoral.
Finalmente, não há Igreja
como a de Mafra triunfal:
e os Arquitectos das outras
digam se a prova é legal.
Venham com as contraditas;
e haja vista o meu Fiscal,
que bem necessita dela
pelo esquerdo lagrimal.
Venha com seu parto frio,
metendo em roda o panal;
que não será o primeiro
enjeitado Madrigal.
Não posso mais, por agora;
porque a falta de olival
me vai finando a candeia;
nem tenho outro castiçal.
Perdoem-me, se não fui
na relação pontual;
que ainda o serei na Audiência
do grande Pontifical.
E quem deitou nesta obra
a pedra fundamental,
logre eternas estas minas,
e as outras de outro metal.
De umas, rochedo perene,

de outras, Rio manancial,
veja, e viva, até que seja
só do Mundo o Imperial.
Dando ao Militar aumentos
adornos ao Clerical;
ensinos ao Ministerial,
e prémios ao Serviçal
Pois com tal receita eu fio,
sendo a todos cordial;
que a Glória alcance, por meio
da Graça medicinal.
Eu o escrevi neste Reino,
com licença Triunviral,
e se imprimi-o na Oficina
da Oliveira Musical.
Louvando a Deus sobre tudo
que este é o ponto final;
e al não disse, Tomás Pinto
em Lisboa Ocidental.

Tomás Pinto Brandão

**Segunda Jornada a Mafra
por outro Caminho e pelo mesmo**
*Romance em EL*¹⁰

Já que os meus pios Leitores
se pagaram do Aranzel,
que todo acabava em AL,
ouçam outro agora, em EL.
Deus, que me livrou de um forte
febricitante escamel,
por meio da caridade
de tanto Cristão fiel,
Permita que eu tire a algum
o chapéu, com mais cairel;
e lhe ofereça de Mafra
este segundo papel.

Do primeiro, em algum passo,
se me estranhou o tropel
com que corri Sarrabal,
e não andei Samuel.

Mal haja o Comentador,
mau poeta, e machavel,
que de qualquer ruge ruge
me levanta um cascavel!

Porém hoje, eu desafio
neste métrico cartel,
de Hipocrene, e do Parnaso
ao Pégaso, e o Azemel.

E terá tal graça a Musa,

¹⁰ *Segunda Jornada a Mafra por outro caminho, e pelo mesmo* [...]: Romance em EL. Lisboa Occidental, Oficina da Música, 1730.

que com seu pobre fardel,
possa ufana, ainda que indigna
chegar a tanto docel.

Talvez, como é sacrificio,
que ao invejoso cruel
lhe faça cair o queixo,
essa inocência de Abel.

Digo pois, que enquanto aos Templos,
nem chegam ao Capitel
do nosso Rei Dom João,
os de El Rei Dom Manuel.

No que toca a alojamentos
daquela praça novel,
a Soldados de Cordão
não se dá melhor quartel.

A farda tem seus remendos,
permitidos no burel;
porém o soldo é Real,
e o pagador Bacharel.

O condado que eu lhes dava,
como muda o AL, em EL,
já não será Sabugal;
mas pode ser Mesquitel.

Da confusão que eu lá vi,
digo, sem dizer Babel,
que mais caras, nem carinhas
há no mundo de Quifel.

Vi uns, arrasando montes,
pondo tudo a olivel;
outros, erguendo Palácios,
ao machado, e ao cinzel.

A alguns o muito trabalho
amargava como fel;
mas a muitos, esse mal
lhes sabia a pão e mel.

Procurador do tal mundo
era um Leandro Gorgel,
que às partes satisfazia
como um Letrado Neutel;

A sua guarda, ou adjunto
era um Custódio Rangel;
naquilo de aconselhar,
um segundo Aquitofel.

Destes eram Quadrilheiros
dois, lá de Banabuquel;
um, de homens apontador,
outro de bestas Coidel.

Pelos ramos se sabia
de Mafra o melhor cancel;
que lá só o Taverneiro
é que levava o laurel.

Pipas cheias, Malvasias,
de Bastardo, e Moscatel,
das Ilhas, de Barra a Barra,
do Barreiro, e Carcavel.

O vinho, e pão, se cozia
no humano forno, ou coirel,
onde a Pá andava a rodo,
e onde rodava o pichel.

Muita canastra de fruta!
De pão muito canistrel!
Tudo vendido sem Taxa,
por falta de Almotacel.

O pão, era uma cezilia!
A uva um Caramachel!
E isto tudo era a fartar,
sendo o dinheiro a garnel.

Do Vinho era muita a telha,
de Água também muito o anel,
sem que a fosse adivinhar
O Frade Frei Daniel.

Todos lá comiam porco,
por haver pouco mantel;
mas neste Malcozinhado
servia o sarapatel.

Lá vi muita bandeirinha
de Damasco, e borcatel;
postas nas meias calçadas,

sem ser meias de Pinhel.

Eu hei-de achar assoantes,
mas que vá a Coromandel,
passando a Linha, fiado
na Agulha do Pimentel.

Lá farei o meu negócio,
a troco de algum tonel,
e depois que abarrotar
de assoantes o batel;

Virei por aí ventando,
no navio de aluguel,
buscar da Roca o focinho,
ou o rabo de Espichel.

Aí pode ser que encontre
da Guarda Costa o Baixel,
que me cole pela barra,
defendendo-me de Argel.

Saltarei de noite em terra,
a buscar um Furriel,
que os desembarque por alto,
sem que o saiba o Coronel;

Que mos leve para casa
debaixo do sem Xarel,
antes que vá do Tabaco
dar busca Dom Gabriel.

Mas temo que me malcine
algum tentador Luzbel;
que por falta de cristal,
tem um olho de cristel.

Ele lá busca respostas,
que lhe sirvam de borquel,
a uma sua (arrelá silva!
ou a um seu) irra vergel!

Mas teriam seu Presente,
coberto c' um Alambel;
de alguma formosa Torta,
irmã dele Autor Pastel.

Não foram mais bem louvados
de Niquea o Floricel,

Dom Quixote de la Mancha,
e o Barão de Turunel.

Mais amores de Comédia,
não disse à Dama Raquel,
O de Fox, o de Beárne,
e o guapo Carlos de Urgel.

As respostas são codilhos,
nesse seu jogo infiel;
que iam a dourar-lhe o bolo;
e foi tudo um ouropel.

Anjo se chama no livro,
mas do pé de São Miguel;
porém não no Dicionário
do Anjo Dom Rafael.

Concluo, pois, que de Mafra
a Descrição, e o painel,
não cabe em humilde pena;
só toca ao Real pincel.

Sinto não ter uma pluma,
melhor que as do Curviel,
para escrever com mais ar
nos amantes de Terruel.

Perdoem-me, que não sou
mais largo neste parcel;
porque há de haver outro em IL;
e este é o caso, el, por el.

Louvando sempre à Senhora
Prima de Santa Isabel;
Virgem, e Mãe, com seu Filho,
Dominus Deus Israel.

Tomás Pinto Brandão

**Jornada terceira a Mafra por outros caminhos,
e alguns atalhos do mesmo teimoso**
Tomás Pinto Brandão
*Romance*¹¹

Acabou-se o AL, e o EL;
escutem-me agora em IL;
porque [a]inda quer mais brincar
a minha Musa pueril.
Como é o assoante estéril,
posso dizer estéril;
e ninguém me há-de negar,
que foi agudo este ardil.
Nada por ora direi
(pois mo manda o Ministril),
nem de torto criminal,
nem de Direito civil.
Já lhe não meterei medo
com meu rebuço ferril,
em forma de farricoco,
vestido de bertangil.
Vá tudo em Paronomias,
por mais grave, e mais subtil;
ainda que aqui tanto val
verso nobre, como vil.
Aqui a lira de Apolo,
e do cego o tamboril,
se avaliam tal por tal,
e iguais sem ler til por til.
Fui terceira vez a Mafra

¹¹ *Jornada Terceira a Mafra, por outros caminhos, e alguns atalhos; do mesmo teimoso [...]: Romance. Lisboa Ocidental, Oficina da Música, 1730 [BN: L 1394 A].*

no meu humano carril;
que das duas a vi mal.
Eu cuido que não vou bem
por tão delgado perfil;
presumido que sei tal,
sem ter de Musa um ceítal.
Temperemos estas gaitas
de modo, ou grave, ou servil,
que vá uma ao pastoral,
e outra fique ao pastoril.
Mas receio algum estorvo;
porque nunca falta um gil,
que venha do seu coval,
meter-se no meu covil.
E há nesta terra Poeta
de ânimo tão vergantil,
que me volta em Juvenal,
a Musa que é juvenil!
Porém, a poder que eu possa,
Hei-de embotar o manchil,
a qualquer fraco revês,
com atalho varonil.
Bem sei que de mim dirá
alguma Musa mongil,
que sempre o meu pé de verso,
de porco há-de ser pernil.
E que o meu Pégaso é égua,
que nada tem de infantil;
que a sua Hipocrene é égua,
coada por um mandil.
Eu tudo isso, e mais sofro
à tal Musa mulheril;
mas ouçam esta, de espécie
toda de picta viril.
Ouçam-me pois os discretos;
(e até Luiz Cordovil, que é um homem que ouve pouco,
mas tem assento, e quadril.)
Eu já nas duas jornadas
avaliei, mercantil,

o Cantil, e o Gravatil.
Resta-me dizer de Mafra,
vendo-a com gala gentil,
se até agora estéril foi,
que é já um fecundo Abril.
Era, como viam todos,
outro segundo Arganil,
outro escalvado Torrão;
e é hoje um verde trovil!
É a terra hoje, por ser
aguada com Real gomil,
um jardim à Portuguesa;
e a Castelhana, um pensil.
Finalmente, joeirando
desta mina o esmeril;
e dando inteiro valor
ao Real, e ao Senhoril.
É pouca a que a verde veste,
e cobre o celeste anil,
para o REI de PORTUGAL,
e o PRÍNCIPE do BRASIL.
Quero atizar a candeia,
porque não tenho fuzil;
azeite sim; de Cascais
me vem sempre o meu barril.
E dele posso dar luz
a quem só tenha um candil,
ainda que esteja fechado;
porque se abre ao meu buril.
Eu não cantarei falsete,
nem terei voz feminil;
mas quem me achar sal,
ouça-me por perrexil.
Sou um poeta azeiteiro,
evangelista funil;
zangaralheiro das Musas,
e das graças chambaril.
Me se há animal que me zurre
lá dentro do seu touril;

lá mesmo o há-de ir filar
a minha Musa perril.

Outro caminho em OL.

Agora, por variar,
mudemos o IL em OL;
e por subir a outra graça,
da qual achei caracol.
Para tudo há-de achar luz
o meu métrico farol;
e só ma pode apagar
um Revedor no crisol.
Aqui, por fruta vulgar,
ha muita inveja Reinol;
de que gostam os Poetas;
excepto algum Espanhol.
Oh quem, para descrever
de Mafra o grande arrebol,
fora uma Águia! Porque um Pinto
não se estende a tanto sol.
Ou ao menos, que tivesse
uma voz de rouxinol;
que era a tempo, e o mais perfeito
de apurar o meu Bemol.
Mas ai, que eu receio à Musa
um olhado, ou um tresfol!
e lá vem o antagonista
direito a mim como anzol.
Eu sou mui pequeno Apolo,
que não tenho girassol;
nem quem me responda a cartas,
que se fecham com ferol.
Fujamos deste lugar,
que é das Musas urinol;
e lenço, onde os assoantes
puxam mais pelo briol.
Eu cá tinha feito deles
na memória um grande rol;

mas voou-me da cabeça,
que é meu humano paiol.

Outro caminho em UL.

Se eu achara para Mafra
também toantes em UL;
eu teria um mar de sal,
maior do que o mar do sul.
Mas se em tudo faço vasa,
correrei, por bom taful,
todo o naipe das vogais
para a por de ouro, e azul.
Hei-de partir as palavras,
[a]inda que mo estranhe o vul;
porque o vulgo é sempre aqui
quem só os meus versos jul.
Muitos aqui me condenam,
ainda achando-me sem cul;
porém eu também os cosso,
porque lhe acho muita pul.
E ainda que degradado
me mandem para Chaúl;
às pedradas qual David,
hei-de matar um Saúl.
E ei-lo lá se põe à mira;
Quer-me atirar o gazul;
sem ver, que de munição
tenho cheio o meu paul;
Ouçam; que [a]inda a Musa achou
no fundo do seu baul
um soneto de A, B, C,
com seu AL, El, IL, OL, UL.

Soneto

Por dar um alegrão a Portugal,
toda a Mafra corri neste papel,
que trasladei em verso bem fiel,

fazendo consoante da vogal.
Bem sei que acharão nele pouco sal;
mas não hão de ver nele muito fel;
sei que é para os amigos pão, e mel;
[a]inda que a algum Poeta saiba mal.
Eu cantei por natura, e por Bemol;
toquei ao pé da letra graças mil;
sem tanger de Belém, por ora, a mul:
Pois leia este meu Ré, Mi, Fá Sol,
sereníssimo o engenho do Brasil,
em mal, em mel, em mil, em mol, e em mul.

Tomás Pinto Brandão

**Jornada que fez Tomás Pinto,
pelo Rio de Mouro, a Mafra**
*Romance*¹²

Cansado eu já de ocioso,
que era andar pelo Rossio,
(único divertimento que escapou aos proibidos)
Me expus a fazer viagem,
tendo a escolher dois caminhos;
ou ir-me a Rio de Mouro,
ou botar-me ao mar de Cristo.
No primeiro achei mais conta;
pois já, nos meus exercícios,
sei com quem ao mar me meto,
e com quem me lanço ao Rio.
A Rio de Mouro fomos,
eu, e mais uns tais amigos
como são, António Sanches,
e o meu Padre Frei Francisco.
A mim me coube por forte
ir, de Real tejadilho,
por companheiro de um Frade,
mui direito, e mui bem visto!
Fomos em nobre carruagem,
dando de Palácio indícios;
cortesias recebendo
a um, e a outro postigo.
Todos em nós reparavam!
E de tudo era motivo
trazer o nosso cocheiro

¹² *Jornada que fez Thomas Pinto pelo Rio de Mouro, a Mafra: Romance.* Lisboa Ocidental, Oficina da Música, 1730 [BN: L 1394 A].

um encarnado vestido.
Eu não sei se me declaro;
mas tenha mão, eu me explico;
levava galões de prata,
e peruca o mais não digo.
Não me lembra, para o caso,
bem o dia, em que saímos;
mas, na bulha dos embarques,
era um dia de Juízo!
O guarda mor, que em viagens
era mais embarcado,
não ia em cavalo branco,
mas em murzelo, argelino.
Lá, finalmente, chegamos;
lá fomos bem recebidos;
lá jantamos, como uns leigos?
E como uns Padres, dormimos.
Lá separados ficámos;
mas tão pouco divididos,
que só se via a distância
no que vai da Ponte ao Rio.
E se hei-de dizer verdade,
este tal Rio mourisco
apenas água levava
que deste a um Cristão baptismo!
Quando eu ouvia de tantos
este Rio repetido,
e dito por tantas bocas;
entendia que era um Nilo.
E agora vejo, que e um pobre
um mísero ribeirinho,
para lamas, bem criado;
e para águas, mal nascido.
Com uma chamada ponte,
de crianças passadiço;
de pulga, um pequeno salto!
Fraco voo de um mosquito!
Lá fui hóspede daquele,
de quem sou, por seu capricho,

e serei, por meu regalo,
o que até aqui tenho sido.
A quinta, é das mais formosas,
que a minha boca tem visto,
os meus pés têm resistido,
e os meus olhos tem corrido?
Aquelas pernas celestes
em Capricórnio, e em Virgo:
as belas Coxas de Donas,
os dedos de Dama lindos!
Item nas Donas Gervásias
os refegos mais subidos?
Os Abrunhos de dois donos,
que é o Duque, e o Senhorio!
Uns, cá de Abrantes chamados,
lá eram os escolhidos!
E a outros de melhor pelo
preferiam os Calvinos.
Outras, há de vários donos
pernas, que também distingo,
porque são do Rei, do Conde,
da Marquesa, e até do Bispo!
De uma tal Guimar Esteves,
lá havia um tal pomarito;
a além desta, outras Babosas
tem os seus pés lá metido.
Não somente de estrangeiros,
Flamengas, e outras, é abrigo;
mas dos naturais, Conforto;
e lambe-lhe os dedos, nisto.
O dono, de Bom Cristão
favorece aos peregrinos;
que eu lá vi pernas de Cristo?
Lá vi outro namorado,
que em verduras foi colhido;
e estando são, como um pero,
de cama está, por mais mimos?
Só de um, que por versado
tem de Camões o apelido,

desejei comer-lhe os Bofes,
a pesar do estalecido:
senhores, até aqui Pernas?
E deixo outros muito ricos;
sobre as quais guerras se movem
que em seu tempo não ha amigos:
Deixo mais os Atalantos,
digo a eles parecidos;
que qualquer é um pomo de ouro!
E em Maio, é ouro mais fino!
Por estes é sempre o Dono
dos ladrões mui perseguido;
e julgue-o um tal Fernando,
que é nisso o Juiz do ofício!
Há outros nobres, que eu Calo,
(e nisso, mais os público)
que por mais gerarem, foram
capados de pequeninos:
Estes são filhos do sol;
há outros da lua filhos,
para os Médicos regalo!
Flagelo para os meninos!
Não somente para boca
aqui o meu conto aplico;
porque lá tinha regalos
para todos os sentidos.
Ver aquela variedade
(Seja o seu Pintor bendito)
das cores, que em verdes quadros
nos mostra, e nos da benigno!
Pois o ouvir, a cada canto,
as chusmas dos Pintassilgos;
os solos do Rouxinol,
e do Melro os assobios!
O cheirar, depois da Aurora,
em mais natural Rocio,
os cravos, lá sobre o tanque
dobrados, como Narcisos?
O tomar o pulso a aquelas

que me chamavam a isso;
não por estarem doentes,
mas sãs, furadas do bicho.
Em um se encerravam todos
os corporais sobreditos;
porque se todos gostavam,
era um gosto todos cinco!
É monte alvão para todos
esta quinta que repito;
pois não tem fruta vedada,
sendo a terra um Paraíso!
E com ter tanto de farto,
nada o Dono tem de rico;
por ser a quinta de todos
os que lá vão dar consigo.
Que coisas dele eu dissera,
se não receara abri-lo!
Porque a prodigalidade,
com sua licença, é vício.
E até no vinte um novo,
ou Três Setes, que eu lhe ensino,
sendo na arte aproveitado,
na natureza é um perdido!
Mas eu só aqui morara,
com ele ao Mundo fugindo;
e também aqui morrera,
que eu não vi melhor jazigo.
Na ponte um doutor achamos
irmão do padre, e ambos filhos
não do tal Rio de Mouro,
mas do Jordão, e outro Rio.
Este tal, tem um candado
na ponte, e com tal Domínio,
que em bons termos, avassala
todos os do seu distrito.
São poucos os passageiros
que ali não achem, propício,
ou comestivo descanso,
ou albergue dormitivo!

Eu não vi casa mais farta,
nem trato, mais comesinho?
rica dos géneros todos,
e o melhor, é o feminino!
Porque deste a produtora
era guapa, a todo o brio!
Era, a todo o primor, franca!
E pronta a todo o capricho!
Cortesã, sem cerimónia;
bizarra, sem artefício;
e o universal agrado
era um natural feitiço!
É mui senhora de engenhos,
no conserva, e no entendido;
porque o doce está, em seu ponto,
e em seu lugar o juízo.
Ninguém suspeições me ponha;
pois, por minha alma, ainda isto
é, do muito que lhe devo,
um diminuto recibo.
Ele é tão negociante
que até faz ganhos mosfitos
sobre castelos de vento,
que são uns fortes moinhos.
Nisto se avantajaja a todos;
porque eu de alguns tenho ouvido
que o vento lhe ajunta a palha;
e a este lhe ajunta o trigo.
Nesta casa, em vários jogos
estivemos divertidos;
e o mais era o quinto em quarto,
que só para mim foi quinto.
Mataram-me, tão de todo,
que já do jogo não vivo;
levando-me de contado
toda a vida de codilho.
Co'a espadilha agachado
me atravessou um maldito;
perdendo ao Basto o respeito,

e cortando ao Rei pedido.
Mais eu, no jogo dos versos,
encartado em meu estilo,
com ele hei de ficar forro;
ainda que sempre cativo.
Assim os dias passados
do tempo que lá assistimos;
ora em folguedos perpétuos,
ora em regalos contínuos.
Andava o Dono da casa
sempre em incessantes giros
dizendo: boca que queres?
Isto: e logo vinha aquilo.
O café, pronto aos almoços;
que sobre Missa bebido
fazia bons cozimentos,
à alma, e corpo precisos.
Ó doce vida do campo,
pasto da alma apetecido!
Me se é apetecido; o corte
a quem não metes fastio!
No que das árvores leio,
em suas folhas escritos,
acho que a vida do campo
se compõe de quatro livros.
Ela é, Cortes na Aldeia
é de Cuidados retiro;
é Desengano do Mundo;
e é um de triste alívio.
Mas a viagem tornando;
o meu principal desígnio,
foi só de ir correr o Mundo
em Mafra: Deus vá comigo.
Senhor Apolo, meu amo,
aqui é que eu necessito
de tudo aquilo que acabe
no seu pórtico auxílio.
Uma procuração sua
me dê, com que a meu arbítrio

fique o usar de poderes
que em verso são concedidos.
Não quero alegar de falso,
como alguns dos seus Ministros,
que entram em Maфра conversos,
e saem de lá precitos.
Eu não sei mudar de gênio;
e bem se vê nos meus ditos,
que sempre jocoso canto;
porém nem zombando minto.
E assim peço, senhor mestre,
que saia este romancinho,
já que não de todo sério,
ao menos mais claro, e limpo.
E nisto que pintar quero,
nada espero do feito;
porém não; eu me retrato,
que no perdão, pago fico.
Partimos os três que fomos,
e outros três mais, que adquirimos,
de caminho, bem montados!
E de alforge, bem providos!
A légua e meia, alcançamos,
por pedreiras, ver aquilo,
onde era Pedro Pinheiro
mais que Brás Carvalho, rijo?
Oh homem, ditoso Pedro?
(lhe dizia eu cá comigo)
pois que sobre a tua pedra
um Templo a Deus se há erigido.
Não durmas Pedro em tal obra;
acompanha ao Mestre disso?
Que [a]inda que Pinto te canto,
não te quero arrependido.
Por este dedo, julgamos
ser o corpo desmedido
do Gigante; cuja testa
de três léguas descobrimos.
Ao Mundo novo chegamos,

e logo em estrondos vimos,
que o Mundo ali se acabava,
sendo deste ainda o principio!
Eu não sabia por donde,
entrasse em tal labirinto,
mas ainda que fiquei tolo,
não me dei por entendido:
na Babilónia das pedras,
sim me achava confundido,
vendo homens de mil lugares,
serem só do Lavradio!
Rompemos a ganhar centro,
por um exército misto
de Oficiais, e Soldados,
todos com Reais Serviços!
De Ponte Lima, logo
quartel nos deram, e abrigos;
de Marialva, socorros;
e de Unhão, fartos auxílios!
Vimos, em bom regimento,
da parte dos Algarvios
uma guerra, a ferro, e fogo,
em cortes, furos, e tiros!
Tendo nesta tal campanha,
para livrar dos perigos,
os Mineiros um Custódio!
E os Soldados, um Anjinho!
Lá vi alguns de bom talho!
Outros de tirano fio!
Daqueles, era um açougue,
e destes, um barbeirismo!
Constava esta grande Praça
de quarenta mil vizinhos;
que com Real Providência
eram todos socorridos!
Mas quando voltamos caras
da Igreja ao Frontispício;
alli, *o intenti quae ora pro nobis*, disse Virgílio.
Levantamos os mais os olhos;

fazendo tão alto o tiro,
que era o seu ponto às estrelas,
e lá ia dar em Sinos.
Chamem com mais propriedade
Torres Novas, a este sítio;
que as tem nas faces da Igreja,
de pedras, de novos brincos!
Dei nos sinos de futuro;
porque alguns que tinham vindo,
como estavam rebuçados,
não eram meus conhecidos.
Por grande, estava coberto
um, que o Título é bem lido;
e que a ninguém se dobrava,
pelo soberbo, inferimos.
Isto é o que toca a estes;
que em chegando o nunca visto,
será a maior badalada
que em verso se tenha ouvido!
Este Sino, sete estremo,
com outros sete mesinhos,
virá posto em via láctea,
pelas Boeiras tangido.
Entraram com a boca aberta
no Templo, os meus cinco amigos;
mas eu que a levei fechada,
fiquei com o queixo caído.
Os agudos epítetos
que eu nas vogais tinha escrito,
à vista de tais escolas,
foi matéria de meninos.
E ainda o que eu vou dizendo,
à sua vista, é um cominho;
que talvez, na boca de outro
pudera ser grão de milho.
Todo o homem que aqui chega,
se o Mundo não tem corrido,
nesta maravilha Oitava,
mais do que as que tem visto!

Tudo na Igreja corremos;
e de prodígio, em prodígio
cada instante tropeçando,
só na admiração caímos.
A admiração, neste ponto
é o mais discreto aforismo!
Nem o discursivo presta
onde falta o compreensivo.
De mais disto, hoje o silêncio
anda entre os néscios valido;
y aun no cabe lo que ignoro
en todo lo que no digo.
Se os Escoriais, Versalhes,
e outro pela fama erguidos
Edifícios são de Reis;
este é Rei dos Edifícios!
Mas que há-de ser, sendo um Templo
Real, por tantos princípios,
por tantos meios, precioso,
e por tontos fins, Divino?
Faça, pois, tudo o que pode;
que é mais Senhor, e é mais rico,
um Rei, que a sua moeda
todo o Mundo tem corrido.
E quando isto a inveja o cale.
Digam-no as bocas dos Rios
de metal, que a Inglaterra
por tantos canos tem ido!
Digam-no aqueles trezentos
e cinquenta e seis polidos
quilates, que a Holanda foram,
no gigante cristalino.
E diga-o o nosso Planeta,
por quem a jogar me inclino;
que se eu perco ao quinto em quarto,
ele ganha ao Quarto, em Quinto!
Com isto, não sou mais largo;
que em assunto tão altivo,
não escrevo como quero,

porém como posso, PINTO.

Canteiro de Borba

**Relação em Trovas da Real obra de Mafra,
feita no primeiro de Janeiro de 1732** ¹³

Linda Borba mais querida
Paraíso deleitoso
Que de ti me apartei
Com saudades penoso.

Se te não tornar a ver,
Desta despedida digo
a Deus, que já me aparto,
A Deus, que já me retiro.

Com que juízo te animas
Atrevido pensamento
Queres decifrar a Mafra
Sem teres documento.

Não sabes que é desvario
Cometeres temeridades
Que nem ainda o mais sábio
Acerta aqui falar verdades.

Se tu pintaras como Apeles
Souberas como Salomão
Puderás entrar talvez
Na empresa com mais razão.

¹³ Manuscrito pertencente ao Padre Alexandre, conhecido de Júlio Ivo e estudado por Ernesto Soares, *In illo tempore*, in *O Concelho de Mafra* (15, 22 e 29 de Ago. e 5 Set. 1936). O cotejo com o ms. 3029 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, revelou algumas variantes, das quais apenas deixo anotadas as mais relevantes.

Mas se tu nunca foste
Gramático ou latino
com que razão queres logo
cometer tal desatino.

Eu te dera um conselho
Que não falasses em tal
Que nem ainda o mais discreto
Explica obra tal.

Porque cometer impossíveis
Vejo te não é dado
Começar e não acabar
É juízo mui errado.

Eu sempre ouvi dizer
Se a ideia me não engana
Que diz lá o adágio
Morra homem fique fama.

Assim que não tem remédio
Hei-de ir com a minha porfia
Hei-de decifrar a Mafra
Que assim mo pede a fantasia.

Ainda que não dei notícia
De todo este portento
Direi 'té donde chegar
O meu fraco entendimento.

Tanto que avistei a Mafra
Disse como admirado
Este é o prodígio grande
Que a mim me trás enfadado.

Cheguei a Mafra de noite
Esperei que amanhecesse
Para ver estas reais obras
O que a todos aborrece.

Sim é uma vila tosca
Donde os moradores pareciam
E tanto que nos viam de repente
Como brutos se escondiam.

Tem uma linda Igreja
E belo templo sagrado
Invocação de Santo André
Do número do apostolado.

Tem um grave palácio
Que falar nele me resta
Defronte está a cadeia
A que chamam a Silvestra.

E as mais casas da vila
Por dentro e seus arredores
Mais parecem pardieiros
Que casas de moradores.

E seguindo minha jornada
Direito à obra real
Fui dar a uma casaria
Que dizem é o hospital.

Para falar nesta casa
Não sinto em mim talento
Que eu por minha fortuna
Nunca lhe entrei dentro.

Logo fui à frontaria
Deste portento nomeado
Por certo é mais lindo
Do que me tinham contado.

Passemos mais adiante
E falemos no principal
Na miudeza desta obra

Que tem mais que ver, que contar.

Pelas escadas principio
Tão bem e adornadas
Que em baixo pegam em redondo
E em cima são quadradas.

De eu ver tal portento
Mui admirado fiquei
Em cada sete degraus
Um tabuleiro achei.

[falta esta linha]
Que de longe deve estar
Que só a Roma
A esta se pode comparar.

Tem quatrocentos passos de largura
Os mesmos tem de comprimento
Esta tão formosa frontaria
Que faz pasmar o entendimento.

Na mesma vi cinco arcos
De quinze palmos de largo
Com seus portados no meio
Que a formosam muito bem.

E na primeira cimalha
Cinco janelas vi estar
Guarnecidas de vidraças
Que a muitos faz abismar.

Tem uma pedra sacada
Esta janela do meio
Trinta palmos de comprido
E de largo tem onze e meio.

Por baixo e por cima
Tem doze colunas a maravilha

Donde a máquina de frente
Está toda suspendida.

E [m] os capitéis que tem
As colunas em que tenho falado
Estão belos serafins
Em um vistoso folhado.

No ponto do frontispício
Está uma flor mui formosa
Esta coisa para ver
Parece coisa pasmosa.

Tem um óculo no meio
De quinze palmos alargado
Esta coisa para ver
De flores bem adornado.

No óculo está Deus menino
Nos braços da Virgem Santa
Também se vê adorado
De um São Pedro de Alcântara.

Bem podemos com razão
Tirar-lhe mui bem o chapéu
E dizer-lhe com devoção
Gloria in excelsis Deo.

Não tem dúvida assim o fazia
A Sra. Santa Helena
À Virgem também Ihe rezemos
Ave Maria gratia plena.

Meu glorioso São Pedro
Rogai ao menino Deus general
Nos livre dos inimigos
Para sempre de todo o mal.

Em o remate da frente

Em que já tenho falado
Está uma cruz de bronze
A ouro de Roma laureado.

Com seu calvário de pedra
E muito bem acabado
Com um serafim no meio
E um quartão em cada lado.

Vi duas torres mui altas
De quatrocentos palmos de altura
E também contando achei
Cinquenta de largura.

Quarenta e oito colunas
Contei em ambas as torres
E também em cada uma
Dois formosos demonstradores.

E no último banco de cima
Vi quatro óculos ovados
E mui lindos quatro serafins
Estão muito bem adiresados.

A maior parte destas pedras
Que têm estas duas torres
Tudo é obra de relevado
Feita por bons escultores.

Ainda não falei nos sinos
Agora quero falar
Pois quarenta Ihe contei
Em o primeiro andar.

E subindo mais acima
Contei oito em cada lado
Esperam por mais cinquenta
Contá-los por ora é escusado.

Um homem só os tocava
Com pés e mãos a um tempo
Bons minuetes por solfa
Com bastante entendimento.

Os engenhos da madeira
Melhores não podiam estar
Que até os bois puxavam
Para se porem em seu lugar.

Chamaram seis architectos
A dar sentido a este engenho
Mas um Custódio Vieira
O fez com grande empenho.

Esta máquina de madeira
Está com entendimento [var.: que é um portento]
Pois bem podem levar
Oito [var.: doze] pedras a um tempo.

Estas pedras em que falo
E as em que falarei depois
Por elas eu vi puxar
cento e cinquenta bois.

Pareciam estas alturas
Quererem subir ao planeta
Mas não se ouvia palavra
Senão vozes de trombeta.

Também está nessas alturas
Um galo em cima de uma bola
A mais da gente Ihe cantava
Vários tonilhos à sua moda.

Eu Ihes disse aqui a todos
Que cantassem pelo tom da reudaréu
Todos juntos me respondem
Cantando cucuxucu.

Quatro arrobas e meia tem
De bronze esta ave fatal
Deixemo-la para uma ceia
Que é carne que não faz mal.

Tem treze palmos de comprido
Desde o bico até ao rabo
Está para demonstrar os ventos
E o mostra com todo o garbo.

Este galo para subir
Trepou muitos poleiros
Para isso mandaram ajuntar
duzentos e cinquenta marinheiros.

Ainda mais alto está uma cruz
Por certo mui bem lavrada
Pela altura ser tanta
Parece estar no céu encaixada.

É necessário advertir
E eu Ihes faço advertência
A outra torre tem o mesmo
Na mesma correspondência.

As torres de Babilónia
Têm nomeada na altura
Também vós torres de Mafra
Tendes maior formosura.

Ó templo de Salomão
Aqui não temos que fazer
Ó Escorial de Espanha
Que não tens tanto que ver.

Bem te podes publicar
Por maravilha maior
Que entre as oito que se contam

Tu Mafra és a melhor.

Em a porta principal
Duas colunas estão
Parecem enquanto à vista
Não serem feitas por mão.

E os capitéis que têm
Neles não posso falar
Que a filigrana deles
Se não pode explicar.

Para falar na igreja
Não sinto em mim talento
Porque esta maravilha
Quer maior entendimento.

Por baixo dela está
Aqui logo no princípio
Donde se enterram os frades
Que morrem lá no hospício.

E vede quando estes morrem
Sendo tão bem assistidos
Que será dos pobres paisanos
Que para lá vão remetidos.

Por não ser preguiçoso
Do que vi na igreja irei dizendo
A um Senhor crucificado
Me fui logo oferecendo.

Este Senhor é de madeira
Está na capela mor
mas El Rei diz que quer
Outro de pedra maior.

Olhei para trás e bem vi
Sobre a porta principal

Estar o melhor debuxo
Que se pode debuxar.

Parte da sua grandeza
Agora quero explicar
Pois tem todo o necessário
Para um católico adorar.

Tem um lindo crucifixo
Nesta pedra debuxado
Que o rapaz que o fez
Merecia ser dourado.

Levantando os olhos vi
Açúcnas mui floridas
Em cada janela duas
Em pedra as vi embutidas.

O tecto desta igreja
[A]o longe tem nomeada
...da é de pedra branda
...azul e encarnada.

Duas pedras pretas
Vi dentro da capela mor
Que dizem os que as têm visto
Não haver espelho melhor.

Sete palmos tem de largo
E dezasseis de altura,
Quem a elas se chegar
Verá sua compostura.

[O]nze capelas contei
Neste templo real
Que enquanto o sol rodeia
Não há coisa tão igual.

E os altares que têm

É uma pedra maciça
Que foi gosto del Rei
O ser toda inteiriça.

Vinte e cinco altares tem
Vinte e seis com o da sacristia
E os mais repartidos nas capelas
Todos estão com bizzaria.

Vinte e quatro capitéis
Tem a igreja por banda
E as colunas quadradas
Abertas de meia cana.

Agora falo nos órgãos
Que em seis partes estão
Tocando todos a um tempo
Não há outra suspensão.

[falta esta linha]
Santo ou santa em figura
Tudo está pintado em quadros
E em todos está a Virgem pura.

E da capela colateral
A outra correspondente
Cento e cinquenta palmos tem
Se a ideia me não mente.

E da capela maior
‘Té à porta principal
Duzentos e cinquenta são
Sem nada lhe acrescentar.

Fui às serventias por dentro
E as paredes de redor
Seis escadas lhe contei
Todas feitas em caracol.

E subindo por uma acima
Por donde não tinha ido
Vi um largo espaçoso
De varandas guarnecido.

Dali vi andar soldados
Trabalhando com habilidade
Para meterem um outeiro
Em um profundo vale.

Trabalhando esta gente,
Em um penhasco ser devia
Com grandes tiros de fogo
A penha se desfazia.

Cargos de muitas cabeças,
Herdaste penha forte,
Muitos que nela andavam
A penha lhe causou a morte.

Também vi uma [a]lameda
Junto a esta uma nora
De aciprestes cercada estava
[a] alameda em roda.

[falta esta linha]
Entre os palácios e convento
E juntamente com as portas
Passam de cinco mil e cento.

Das pedreiras vêm para esta obra
Cinco cartas de pedras
Azuis, pretas, encarnadas,
Branças, também amarelas.

Entrei a ver o *de profundis*
Aqui pasmam os sentidos meus
É o lugar donde os frades
Antes de jantar louvam a Deus.

Também vi o refeitório
Está com toda admiração
Daqui repartem os frades
Com os pobres da sua razão.

À cozinha fui também
Está com toda a bizzarria
Toda guarneçada de ferro
E de formosa lajaria.

Os frades deste convento
Não os posso declarar
Que não há número certo
Para se poderem contar.

A quantia por agora
Muito passa de duzentos
Mas o número por inteiro
Me dizem hão-de ser trezentos.

Ó Mafra dá-me licença
Que logo em ti falarei
Que quero dar notícia
Da boa vinda del Rei.

Em dezanove de Outubro
Fez El Rei sua jornada
A visitar a grande obra
Por todo o mundo nomeada.

Seus irmãos foram com ele
Que eu mesmo o presenciei
E seu filho que há-de ser
Pela graça de Deus Rei.

Era ainda de madrugada
Ainda não amanhecia
Vi os infantes formados

Com toda a cavalaria.

Que estava esperando
Pela pessoa real
Filha del Rei do Império
Rainha de Portugal.

Entraram dentro da igreja
Com muito grande alegria
Muito bem acompanhados
De bastante fidalguia.

Também trazia consigo
A senhora D. Mariana
Esposa do senhor D. José
E filha del Rei de Espanha.

Sagrou a sua igreja
Este tão grande Monarca
Com Bispos e cardeais
E mais o senhor Patriarca.

Havia grandes riquezas
De prata e ouro fino
Pérolas e diamantes
E cristal mui cristalino.

Havia copa de prata
E a mais dela sobredourada
Dilúvio de seda branca
Que a todos admirava.

Graves ornamentos havia
De tela e de tesum
Com grandes franjas de ouro
Sem terem defeito nenhum.

Belas músicas ouvi
Que estavam na capela mor

El Rei as presenciava
Que não podiam estar melhor.

Parecia um céu aberto
Este templo real
Com umas suaves vozes
Que eu ouvia cantar.

Era uma suspensão
Os órgãos quando tocavam
Os sinos tudo a um tempo
nas mesmas vozes soavam.

Pareciam ser os Anjos
Que eu ouvia cantar
No sacrifício da missa
Que era de pontifical.

Oh! Mafra tu és sereia
Em este mar d' alegria,
Pois teu doce cantar
Neste Templo se via.

Se o cantar das sereias
Suspende embarcações
Também tu Mafra agora
Rendes muitos corações.

Não há Monarca no mundo
Como el Rei de Portugal
Serviu a estes frades à mesa
Para mais se humilhar.

E para melhor dizer tudo
Trazia o comer à mesa
Deitando-lhe água às mãos
Mostrou a maior grandeza.

Nisto imitou a Cristo

Da última ceia a fineza
lavando os pés aos discípulos
Para nos ensinar humildade.

Deus aumente este Monarca
Sempre em serviço de Deus
Com paz e quietação
Para aumentar templos seus.

Pois fez uma procissão
Ao Corpo de Deus dedicada
Com tal pasmo e tal beleza
Que a todos admirava.

As ruas da procissão
Estavam juncadas com bizarria
De espadanas e giestas
E rosas de Alexandria.

Desta procissão que digo
Não tenho mais que dizer.
Que a que se faz na Corte
Não tinha tanto que ver.

Ao recolher da procissão
Se deu uma salva real
Em louvor do Santíssimo
E del Rei de Portugal.

Esta salva quem a deu
Foi a nobre infantaria
Entre batalhões metidos
Muitos de cavalaria.

Grande fortuna tiveste
Ó Mafra vila real
Em este Monarca quinto
Para tanto vos aumentar.

Se algum tempo te dizia
Que eras o matadouro
Agora te hei-de dizer
Que és do céu o tesouro.

Se te dizia algum dia
Que eras conquista, guerra
Agora te chamarei
Palácio de Deus na Terra.

Se algum tempo te dizia
Que davas grande pavor
Agora te chamarei
Palácio del Rei meu Senhor.

Se te dizia algum tempo
Que aos homens enfadavas
Agora de hoje em diante
Emendarei minhas faltas.

Se algum tempo te disse
Que não tinhas misericórdia
Já desde agora te digo
Que és Vénus da glória.

Se te disse algum tempo
Que tinhas grande brasão
Agora Mafra te peço
Humildemente perdão.

Darei notícia da gente
Que nesta obra se via
De uma relação tirada
Da ilustre vedoria.

No militar presépio
Em o primeiro lugar
Que são sete mil infantes
Nesta obra a trabalhar.

Dos soldados de a cavalo
Também notícia vou dando
Que são mil e novecentos
E noventa trabalhando.

[falta esta linha]
Que às vezes o desejamos
Mas em nos chegando os narizes
De podre e cru o largamos.

Todo o pão que El Rei nos dá
de branco é descorado
O que é do Assentista
é muito mal amanhado.

[A]inda falo na vaca
que nos dão crua e pouca
[a]inda que se entorne o caldo
não nos ensopa a roupa.

Falaremos no capado
que por ele nos dão bode,
não há mister purgado
quem tal carne come.

Em falarmos nos feijões
não somos mal procedidos,
que se cozem às dez horas
são mui mal escolhidos.

Comemos boa [var.: arroz e] pescada
Como uns padres de missa
Mas eu não sei se dizem
Que é cavala sediça.

Também nos dão um guisado
De cachola de vaca às maravilhas
Mas o mais comum que nos dão

É um pequeno prato de ervilhas.

No vinho não falemos
Que não presta para nada
Pode servir de vinagre
Para temperar a salada.

Em todo este trabalho
Este é o maior tormento
Quando vamos à taverna
Já lá falta o mantimento.

Ainda temos outros fadários
Que aqui mais nos mortificam
Pulgas e moscas são tantas
É o que aqui mais nos picam.

Ratos não falemos nisso
Que é pasmar o entendimento
Mais de duzentos se acham
Aqui em cada aposento.

[falta esta linha]
Que é muito boa bebida
Mas primeiro que a bebamos
É o alicorne metida.

Pois a bebemos por uns copos
Bem contra nosso desejo
São de madeira do ar
Criados no Alentejo.

Estão presos por cadeias
Não são de ouro nem de prata
São feitas de um duro ferro
Não cuideis que é patarata.

Em se tocando um sino
A que o bandararra chamam

Mais do que pulo ou pancada
Para o trabalho nos manda.

Mas em se tocando outra vez
sinal para irmos a comer
Mais que de carreira vamos
A toda a pressa a correr.

E o que tem o pé mais pesado
Que não pode caminhar
Quando chega à taverna
Já não acha que jantar.

Quatrocentos taverneiros
estão em Mafra obrigados
e na nobre Vedoria
todos matriculados.

Tenho dito quanto posso
De Mafra não digo nada
Que a grandeza desta obra
Não pode ser explicada.

Tenho dito quanto sei
e fiz aqui conclusão [var.: Eu o não torno a repetir]
venham todos ver a obra [var.: Quem quiser saber a
verdade]

Verão se minto ou se não [var.: Pode a Mafra também ir]

Com isto não digo mais
Que isto muito mal me cheira
Que me quero esgueirar
E ir-me com a Senhora da Esgueira.

Finis laus Deo (Décima)

Mafra mil vezes ditosa
Mui feliz e esplêndida
Sois mui linda cândida

A bonina mais excelente
Frequentado de tanta gente
A flor mais formosa
Em tudo me pareceis rosa
Pois vos quero engrandecer
Que todos podem dizer
Victor ó Mafra famosa.

Mestre Pedreiro Valério Martins de Oliveira

**Advertências aos Modernos, que aprendem
os Ofícios de Pedreiro e Carpinteiro** ¹⁴

[...]

Emblema

Este Monarca supremo quis mostrar seu poderio, em a Real obra de Mafra fez símbolos de grão feitio: lembrava-lhe a grandeza da Religião Gentílica, e não podia sofrer, que esta virtude, ainda que moral, supersticiosa, e errada no culto, e reverência dos Ídolos, estivesse ainda hoje envergonhando a verdadeira Religião com a memória dos sumptuosos templos, que lhe levantava a ideia Gentílica. Formou com o pensamento da promessa aquele majestoso, e magnífico Templo dos Arrábidos, invocado Nossa Senhora, e Santo António. Venturoso Campo! Eras tão agreste, tão sólido, e a tantos séculos sem sombra de aventura! Hoje te vês todo fausto, todo cheio de glórias, de louvores, de Majestades, pois assiste a melhor do Mundo; e a da terra vos aclama, levantando este sumptuoso edifício com os melhores intentos, que os homens puderam alcançar. Chegou F[r]ederico àquele campo, sem sombras de edificios, espalhando linhas, enterrando ouro, levantando pérolas, encastoando o diamante mais puro. Olhava para a Cidade de Babilónia, e via a Religião de Semiramis edificando um majestoso templo de Júpiter Belo, com oito Torres, que sobressaíam, e sucessivamente levantando, e desentranhando de uma só torre, que na oitava subia já a tão desmedida altura, que parecia tocar já com as estrelas, observada pela

¹⁴ *Advertencias aos modernos, Que aprendem os Officios de pedreiro e carpinteiro, Offerecidas ao Senhor S. Joseph, patrono do mesmo officio, Venerado na sua Parochial Igreja desta cidade de Lisboa* (Lisboa, diversas edições de 1739, 1748, 1757, 1826). O autor foi Mestre Pedreiro em Lisboa. Ver Ernesto Soares, *In Illo Tempore*, in *O Concelho de Mafra* (15 Ago. 1936).

Matemática, e Astrologia Caldeia, e era quadrada, e tinha quatro estádios o vão de seu quadrado, que, pela conta de Plínio, fazem duzentos e cinquenta passos, que pela nossa conta são 625 palmos de comprimento; eram adoradas nele os três simulacros de Júpiter, de Juno, e de Opis, fundidos todos de ouro, e o de Júpiter, como Rei de todos, e orago do Templo, era de quarenta pés de altura, que fazem 53 de palmo, e pesava mil talentos 3 Babilónios: de ouro era também uma mesa, a que estavam sentados todos três, e para o serviço dela, e o culto dos sacrifícios, havia diversos vasos, e turíbulos da mesma matéria, e pesavam muitos talentos, e toda esta opulência, grandeza, e majestade se fechava segura, e soberbamente com respeitadas portas de bronze.

Olhava para Sezico, Cidade antiga de Grécia, na qual estava outro famoso edifício, que todos os mármores, de que se formavam as suas paredes, estavam encaixilhados em molduras de ouro, que a presença da maravilha lavradas, e abertas maravilhosamente, entrava a luz pelas paredes, e o ar a alumiar, e a refrescar o Templo suavemente com candores, e os mais enternecidos raios de Apolo, que nele adorava a Gentilidade daquele tempo. Havia em Éfeso um Templo de Diana, feito pela melhor arquitectura, com gravíssima ideia de Xercifonte, acabado em duzentos e vinte anos pela Religião de Ásia, uma das sete maravilhas do Mundo.

Naquela majestosa Cidade de Arcádia o sumptuoso Templo de Minerva. No seu monte Cotílio o de Apolo, ambos de grande magnificência, de majestosa arquitectura, e de singular Geometria. Havia Tarquín[i]o em Roma tão soberbo, prodigiosa, e majestosamente Religioso, que nos fundamentos do seu Capitólio despendia a milhões pesos de prata, e desta sorte semeava Tarquín[i]o sumptuosos, e admiráveis Templos em toda a Cidade de Roma: à sua imitação havia Agripa levantando o seu famoso Panteão, dedicado a todos os Deuses, que depois adorou já toda a Roma Cristã, consagrado a todos os Santos pela Santidade de Bonifácio IV.

Cifra Encomiástica

Ó F[r]ederico Romano,
que andais por terras alheias,
só vós levantai ideias
à custa de um Soberano.

Volta

Executais um Baptista,
que domina os Escultores,
diante de cuja vista
são como imensas as flores.

Romance

Nesta ideia adormeci,
não sei se dentro da cama,
porque estava sem acordo
a ideia desacordada.

Eis que de repente chega
um mancebo, o qual mostrava
vestido de resplendores
nos reflexos da luz clara.

Supus vinha das Estrelas
O tal moço, que trajava
as claridades por moda,
os luzimentos por gala.

Consigo me leva, e logo
pelo modo, que mostrava,
soube, que era o Luminar
da luzida Esfera quarta.

Este me põe de repente
na Real obra de Mafra,
onde em colunas de mármore
me mostrou as de ouro, e prata.

Do cimento até ao tecto
admirei tão Régia Casa,
onde o ilustre da matéria
a obra sobrepujava.

Aqui luzia o Topázio,
ali brilhava a Esmeralda,
o Diamante, e a Safira,
tudo o ouro encastoava.

Ao Artífice Romano,
que ideou toda esta máquina,
se atribuem as perfeições
de obra tão boa, e preclara.

No meio deste artifício
um sólio se levantava
tão alto, que parecia
não ver-se o fim da distância.

Diante do sólio ardiam
mil vítimas, que abrasadas
mostravam louvor eterno
ao nome, que ali não estava.

Perguntei ao Vaticano,
quem tinha feito aquela Ara?
Quem perguntas? Eu to digo:
quem tu louvar intentavas.

F[r]ederico, que me despoja,
e que a coroa me arrebatava,
esse, que as linhas me rouba,
e faz, que eu me torne em nada.

Tudo para si me usurpa
com acções tão acertadas,
que à violência do respeito
faço entrega voluntária.

Queres louvá-lo de Arquitecto?
Pois dize-lhe, (e isto basta)
que eu Vaticano me meto
por envergonhado em casa.

Dize-lhe, que à obra cedo
nas perfeições dessa Mafra,
e que daqui por diante
não farei coisa que valha.

Assim F[r]ederico, peço-vos
por vossa Estrela afamada,
que estimeis este Elogio,
que o Vaticano vos manda.

Tudo que nesta obra brilha,
se conhece por profundo,
maravilha deste Mundo,
e oitava maravilha.

Trouas

Peguemos pelas Escadas,
que se vêem feitas no Adro:
por baixo pegam em redondo,
e por cima em quadrado.

De ver tal entendimento
bem admirado estou,
que a cada sete degraus
um tabuleiro ficou.

Tem mais uma direcção,
que não pode estar melhor,
que guarnece esta entrada
pirâmides ao redor.

Passando dois tabuleiros,
que por todos achei três,
vi uma rica calçada,
feita de belo Xadrez.

Cheguei à frente arrogante,

que a todos faz admirar,
olhando do Céu à terra
vi muito para notar.

Na mesma vi cinco arcos
de quinze palmos de largo,
com dois postigos no meio,
um nicho de cada lado.

Em toda esta frontaria
do Norte ao Sul se vêem
dois tão bem feitos Palácios,
que ao longe parecem bem.

Os Palácios se guarnecem
do Norte, e também do Sul,
com duas Torres muito fortes,
que não têm defeito algum.

Sobre a primeira cimalha
cinco janelas vi estar,
e um nicho de cada lado
da janela principal.

Tem a pedra da janela,
que por meio está no alto,
trinta palmos de comprido,
e onze e meio de largo.

Debaixo dela vi seis
colunas com maravilhas,
onde a máquina das frentes
estão todas suspendidas.

Outras seis estão por cima
em aquela mesma prumada:
seis capitéis estrondosos
fazem soberba a fachada.

Mas entre estes capitéis,
em que já tenho falhado,
estão belos Serafins
em um formoso folhado.

Na mais obra não falemos,
nem na cimalha Real,
no que mais vai para cima,
é que é mais de admirar.

No ponto do frontispício
está uma flor muito bela;
um Anjo de cada lado,
cada um numa quartela.

Tem um óculo no meio
de quinze palmos de largo:
flores de uma, e de outra parte,
com elas bem adornado.

No óculo está Deus Menino
nos braços da Virgem Mãe;
aqui se vê adorado
de Santo António também.

No alto do frontispício
pirâmides vi estar:
eram duas, e ambas fogo
estavam sempre a deitar.

Em o remate da frente,
em que já tenho falado,
se vê uma Cruz Romana,
de ferro mui bem lavrado.

Com seu Calvário de pedra,
que está mui bem acabado,
tem um serafim no meio,
um quartão de cada lado.

Vi duas Torres muito fortes,
trezentos palmos de altura;
também contando achei
cinquenta de largura.

Quarenta e oito colunas
têm ambas as duas Torres:
e também em cada uma
dois formosos mostradores.

Em baixo aparecem oito,
e por cima dezasseis;
cada vez é mais miúda
a obra dos capitéis.

Estas colunas, que digo,
vinte e sete palmos têm;
e nove têm de redondo,
e três de grosso também.

Em o derradeiro banco,
que em cima se vê estar,
se vê o maior prodígio,
que os homens podem obrar.

Pois tem quatro Serafins
com mui grande direcção,
que as asas cobrem seu peito,
que belas no bronze estão.

Cada um dos Serafins
de flores tem um festão,
e também de cada lado
tem um vistoso quartão.

Neste mesmo banco vi
quatro colunas ovadas,
e outros quatro Serafins,

obras mui bem acabadas.

As cúpulas destas Torres
quatro pedras as fecharam;
e em cada uma delas
quatro óculos deixaram.

A maior parte da pedra,
que têm estas duas Torres,
tudo é obra de relevado,
feita por bons Escultores.

A outra parte de pedra
também está com maravilha,
pois se vê muito bem lavrada,
e toda bem refendida.

O engenho da madeira
melhor não podia estar,
que até os bois de assento
pedras levam ao seu lugar.

Estas pedras, em que falo,
e em que falei ao depois,
por algumas vi puxar
cento e cinquenta bois.

Parecia esta altura
querer subir ao Planeta,
e não se ouviam palavras
sem vozes de uma trombeta.

Entrando para a Igreja
um alpendre vi estar;
dilúvio de pedra preta,
e outra como cristal.

Em a porta principal
duas colunas estão,

parecem, enquanto à vista,
não serem feitas por mão.

Têm seus ricos capitéis,
neles não posso falar,
tal é deles o bem feito,
que se não pode explicar.

De uma parte vi um Anjo,
obrado com paciência;
da outra banda vi outro
na mesma correspondência.

Olhando do Norte ao Sul
para o tecto outra vez,
lhe vi, na correspondência,
um rico, e belo Xadrez.

Para falar na Igreja
não me sinto com talento,
esta grande maravilha
quer melhor entendimento.

Por não ser descurioso
do que vi, irei dizendo;
um Senhor Crucificado
me foi logo aparecendo.

Olhei para trás, e vi
sobre a porta principal,
a melhor das esculturas,
que se podem debuxar.

Parte da sua grandeza
eu quero aqui explicar,
pois têm todo o necessário
do grande Pontifical.

Têm um Turíbulo formoso,

e bem feitos castiçais,
têm um Santo Crucifixo,
que como ele não há mais.

Têm uma bacia grave ,
e uma toalha muito fina;
o Hissopo da água benta
ao pé está da Caldeirinha.

Mas tudo isto é de pedra,
e nele se vê obrado:
subamos mais para cima
por não darmos tanto enfado.

Levantando os olhos vi
Palmeiras muito floridas;
em cada janela duas
em pedra azul embutidas.

Abaixando os olhos vi
um Xadrez muito ciente,
com muito grandes enleios,
mas tudo correspondente.

No Convento não me meto,
porque não quero ser Frade:
da perfeição dele digo,
que não tem nenhum desaire.

Com as águas finalizo
as Trovas, que aqui escrevo;
digo, são admiráveis,
e dizer mais não me atrevo.

Ao som do meu martelo
tendo o escopolo na mão,
cantei tudo, que aqui vai,
para rir à descrição.

Quintilha

O Vieira foi famoso,
quando em Mafra teve parte,
na máquina glorioso
o celebrou a sua Arte
mais que todos engenhoso.

Quarteto

Nesta obra com mil jeitos
se faziam mil primores:
oficiais tão perfeitos
são dignos de mil louvores.

Redondilhas

Nós havemos de falar
no muito, que aqui nos sobra,
sobre a grandeza da obra,
que tanto tem que contar.

Neste sumptuoso Convento há várias, e magníficas fontes de preclaríssimas águas nascediças, de várias, e muitas qualidades, todas doces, mas com diferentes nascimentos, umas mais temperadas no calor, que outras; porque na fundação do Convento à superfície da terra nascia água em abundância; de sorte, que para poderem fundar a grandeza deste edifício sangraram a terra com admiráveis canos por baixo da superfície em vários lados de todo este edifício, para formarem este majestoso, e nunca visto Convento; porque toda esta singular maravilha tem um Zimbório, que fecha o Cruzeiro da Igreja violentável na sua perspectiva, revestido de muitas, e várias cores de pedras, que lhe faz uma gala, como a Primavera no Verão, com riscas, e admiráveis serventias no grosso de suas paredes, que dá luz ao Cruzeiro, como o Sol ao meio dia. Todo o mais Convento é gravemente fechado de muitas, e singulares abobadas de várias direcções, e circunstâncias nunca imaginadas; porque toda a grandeza deste Convento não se pode explicar. Não há em parte nenhuma madeiras,

tudo abóbadas magníficas, e reverentes; só as portas, que fecham esta Clausura, é madeira, tudo o mais é majestoso.

Suposto as suas águas, como todas geralmente saem do mar, por virtude da comunicação da terra se faz doce, segundo a parte da terra, porque passa, e tem diferente qualidade; porque a água, que todo o ano nasce fervendo, é aquela, que nasce em fonte, e ferve ao pé deste Convento, boa, muito salutífera na sua qualidade; a sua origem do nascimento é meia, e quarta, e oitava manilha de água muito bastante, que enche dois tanques, um ao longo do outro vistosos; e a razão desta água ser deste modo, segundo a experiência, é, porque a sua passagem, e veias, por onde corre para os canos, não deixa de ter coisa de enxofre: há um maravilhoso lago de água nascediça dentro da cerca gravemente grande, murado com seus assentos em redondo, para recreação do Convento, com suas majestosas Arcas de água com chaves de bronze, de onde desfecham quando querem, que correm sem violência alguma para o necessário deste edifício.

Nascia outra qualidade de água atrás do Convento quando se fundava, a quem chamavam a Fonte das Almas: era frigidíssima de Verão, e de Inverno. Esta água nasce sempre fria, por razão de seus canos passarem pela segunda região, e princípio da terceira, a qual por ser sumamente fria, como temos dito, faz que a água por ela venha tão fria, que, metendo a mão nela, e por sua muita friura, se não pode sofrer. Esta qualidade de água é prejudicial a beber-se. Esta fonte logo se perdeu com a factura do Convento, e beber-se em todo o tempo, porque decepa entranhas, causa ar, recolhimento de membros, como a experiência o mostra.

[...]

Anónimo

**Padre Nosso glosado pelos homens
que andavam nas obras de Mafra
trabalhando sem se lhe[s] pagar** ¹⁵

Rei, e Senhor poderoso
humilde[s] vos invocamos
e todos a vós clamamos
Padre nosso
Arrastado o Reino vosso
pelo que a obra compreende
e nenhum de nós entende
que estais nos Céus
Cuido que ofendeis a Deus
em fazer empresas tais
e não nos parece que estais
Santificado
Olhai Rei o grande brado
e concedei muito atento
que só para o pagamento
Seja
Para que este Reino veja
desmentida a crueldade
e se louve com verdade
O Vosso Nome
Atendei à grande fome
que o Reino está padecendo
ao que nos estais devendo
venha a nós
Sabei que não somos sós
se não os filhos também

¹⁵ Biblioteca Pública e Arquivo de Évora: ms. cod. CV/1-9.

e que bastante ouro tem
O Vosso Reino
Se quereis fazer Mosteiro
que cause admiração
pagai-nos e logo então
Seja feita
Todos com vontade estreita
logo hão-de obedecer
e desejar de fazer
a vossa vontade
Reparai que dizer há-de
qualquer estrangeiro ousado
É vosso brio ultrajado
assim na terra
Isto é pior que a guerra
e assim com grão desventura
tanto por cá se murmura
como nos Céus
Como se pedirá a Deus
vossa vida entre as mais
se vós, Senhor, nos não dais
O pão nosso
Pagar tributos não posso
o mesmo dizem os mais
pois com a paga nos faltais
de cada dia
Se uma obra quase pia
acaso fazer quereis
tudo quanto nos deveis
nos dai hoje
O Reino deitado ao longe
todo o crédito arrastado
se vos mostrais agravado
perdoai-nos
Rei, e Senhor ajudai-nos
que esta súplica convém
que é para pagar também
as nossas dívidas.
Que fará quem tem famílias

sem mais renda que o Homem
que estão morrendo de fome
assim como nós

Agora julgai bem vós
o que estes de vós dirão
mas o que nos deveis, não
perdoamos

Já não temos que vendamos
nem coisa com que suprir
muito menos que pedir
aos nossos

Porque os desgovernos vossos
nos trazem postos por terra
e também nos fazem guerra
devedores

Todos faltam aos primores
por esta obra real
por ela em tormento tal
não nos deixeis

Que furtemos não quereis
eu não sinto outro despique
quando vejo tanto a pique
cair

Cuidai, Senhor, em suprir
as vozes que o Céu está dando
pois andamos tropeçando
em tentação

Abri, Senhor, vossa mão
mostrai as vossas grandezas
e de cair em baixeiras
livrai-nos Senhor

Se sois entre os Reis a flor
conhecido entre os mais
com a paga nos livrais
de todo o mal

Publique-se em Portugal
vossa rectidão e luz
para que todos digamos
Amen Jesus.

Manuel Godinho de Seixas

Canção

Qui creavit me, requevit in tabernaculo meo
(*Eclesiástico*, XXIV, 12) ¹⁶

Mote

Um Templo a Deus dediquei
Em Mafra pedregosa,
Primor de todo o edifício
Que contém em si a Europa

Glosa

I

Fiz em meus Reinos erigir
Edifícios singulares,
E reedifiquei Altares,
Que estavam para cair:
E de Roma mandei vir
Com liberal mão de Rei
Uma só Capela, e sei
Que em todo o globo rotundo
Para admiração do mundo
Um Templo a Deus dediquei.

II

Em o sítio mais inculto,
Lá nessa remota parte,

¹⁶ *Panhetria Pathetica e Miscellania em os progressos, e morte do sempre memoravel Rey de Portugal D. João V.* Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1750.

Polida com culto, e arte,
Quis que Deus tivesse culto:
Quis pelo meu voto oculto
Que minha mão vigorosa
Se ostente em terra fragosa;
Montes altos humilhei,
Cultos a Deus tributei
Em Mafra pedregosa.

III

À mais bela architectura
De que todos mais se admiram
Na pedra ali esculpiram
Como do risco a pintura:
Em tudo é obra tão pura,
Que no modo dá indício,
Além de ser sacrificio
Para Deus nunca com excesso
É sim de excessivo preço
Primor de todo o edificio.

IV

Toda a recopilação
Da perfeição mais perita
Aos mais sábios excita
Para intensa admiração:
Todo o que com atenção
Na obra com os olhos topa,
Em admirações se ensopa,
E diz em silêncio mudo,
Que é compêndio de tudo,
Que contém em si a Europa.

Manuel Godinho de Seixas

Romance decassílabo

Venite ergo, fruamur bonis, quae sunt
(*Sabedoria*, II, 6) ¹⁷

Da Architectura cinco ordens grandes
Ornam a fábrica mais sumptuosa,
Pasmam todos os homens peritos,
Admirados de obra tão boa.
Estrangeiros; que vêm de mil partes
De Portugal a ver a Coroa,
E com a boca aberta ficando
Todos vão bem satisfeitos da obra.
Estimar Portugueses não sabem
A maravilha tão sumptuosa,
E murmuram que a tal maravilha
Fazer mandasse, em parte remota.
O Escorial de Castela pasmado,
E de Versalhes as Fontanas todas,
E de Roma magníficos Templos,
Todos a Mafra tributam coroas.
As maravilhas sete do mundo
Vão a boca calando já todas,
E de Grécia as estátuas prostradas
A Mafra Lísia aplicam as honras.
Anunciem os signos desse orbe,
Que no mundo não há melhor coisa
Porque lá dessas casas Celestes
Na terra coroam com luzes a obra.

¹⁷ *Panhetria Pathetica e Miscellania em os progressos, e morte do sempre memoravel Rey de Portugal D. João V.* Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1750.

O precioso do mundo encerrado,
E as perfeições ali estão todas
Para exemplo das obras mais ricas,
Que erectas forem na nossa Europa.
Ali venham os sábios do mundo
Aprender pelas regras mais doutas.
Pois de Mafra o Convento dá regras
De Architectura, e das ordens todas.
O Edifício por partes tomado
Às quatro partes do mundo assombra,
E tomado por partes, ninguém
Imperfeição considera em todas.
Obra foi muito Real do meu braço,
Porém não empenhei a minha Coroa,
E foi mais o que fiz desperdício
Do que o culto grande de toda a obra.
Ficou quase completa e perfeita,
A meu filho acabá-la só toca,
Minha Coroa lhe deu o princípio,
É justo que a acabe outra Coroa.
Para mais realçar o meu lustre,
De Clero erigi tão sumptuosas
Basílicas três, nesta cidade;
Para assombro da roubada Europa.
É o Primaz o meu Patriarca,
O que nunca sonhou a Espanha toda,
E só por mim na antiga Cidade
Se viu erigida coisa tão nova.
A Patriarcal a tudo excede
Em riquezas, e em toda a mais pompa,
Donde se vê da Corte a nobreza
De Cardeais, e Bispos com honras.
Um milhão, mais trinta mil cruzados
Sua grandiosa renda importa,
Pagos todos os gastos sobeja,
Para nunca haver falta, sim sobras.
Do corpo de Deus sacramentado
Procissão erigi com mais pompa,
Para que vissem minha Fé viva

Estes cegos, que aquela têm morta.
Fiz levantar arcos de triunfo
Ao Rei Soberano da Glória,
Que entre os homens existe na terra
Debaixo da nuvem prodigiosa.
O Tribunal da Fé conservando
Fui em meu Reino com Fé tão devota,
Que de hereges as duras cabeças
Em seus actos cortando vai todas.

Joaquim Simpliciano do Canto

Romance Cronológico-Histórico ¹⁸

[...]

Calo de Mafra a sumptuosidade,
Que não cabe em discurso humilde, e tosco
Decifrar de seus mármore polidos,
Da grandeza os emblemas primorosos.
Só de Monarca tal pôde a piedade
Não ofender de Pedro o humilde voto;
Porque medindo-o por seu génio augusto
Com ser tão avultado, o julgou pouco.
Os seus claros heróis progenitores
Ilustraram no Oriente o régio trono;
Mas para ter de Sol inteira esfera
Do ocidente ilustrou só ele o pólo.
Eclíptica pequena uma Cidade
Viu, para dar, seu giro luminoso,
Outra estabeleceu; porque pudesse
Em mais domínio dilatar o sólio.
Não só uniu Cidades, mas Impérios
Enlaçou liberal, dotou grandioso:
Pasmos soltou, ligando liberdades;
Nos indultos dos sacros desposórios.
Para sempre mostrar, que em sua esfera
Até eternizou claros os voos,
Fez zénite a união, onde pararam
De seus raios os círculos famosos.
Passo dos edifícios a grandeza,
Que admiro em templos, que em palácios noto,
Que para escurecer a Egípcia fama

¹⁸ *Culto Funebre à memoria sempre saudosa de Fidelissimo Augusto, Magnifico, e Pio Monarca o Senhor D. João V, Rei de Portugal.* Collecção III. Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1750, p. 55-57.

Não careciam alguns do último adorno.
Entro a ver os Ministros soberanos,
Que nos templos assistem, e entre todos
O sagrado Tomás, primeiro em tudo,
A quem o nome basta para encómio.
Quis deixar um modelo da grandeza,
De seu ânimo digno desaforo,
Criou um Patriarca, onde se uniram,
Com os dotes reais, méritos próprios.
A púrpura lhe uniu alto conceito,
Consumou nela o espírito notório,
Que animada do sangue régio, e ilustre
Está nascendo nos sagrados ombros.
Se da Patriarcal lembrar-me quero
Em pélagos tão alto perco o acordo,
Igualando o debuxo da grandeza,
Mais do que o seu espírito, o seu gosto.
Nas Igrejas, Basílicas, Bispados
Ministros graduou em muitos coros,
Para que a maior Rei se consagrasse
Não só culto maior, porém mais novo:
Agradecido o Sol do Vaticano
A tanta devoção, e zelo heróico,
Lhe Chamou FIDELÍSSIMO: alta empresa
Da Coroa imortal, Ceptro piedoso!

Foi Monarca feliz, e do seu peito
Qualquer respiração era um assombro:
Para fazer felizes os vassallos
Ilustrou a nobreza, amou o povo.

Foi claríssimo espelho da prudência,
Mas como em ver-lhe as glórias me remonto?
Tão assombradas são, que elas só podem
Ter, entre tanta mágoa, o peito absorto.
[...]

Joaquim Simpliciano do Canto

Endechas ¹⁹

[...]
Desse Monarca Heróico,
Que chegas a ocultar-nos:
Repara o que conserva
A lembrança fiel dos seus vassalos.
Pois bem que às vozes sirva
Apenas de embaraço,
Lágrimas, e soluços
Serão termos mais próprios neste caso.
Como pode esconder-se
Em tão pequeno espaço,
Quem soube encher o mundo
De benefícios, de respeito, e pasmo?
Para os Templos devoto
Concorreu pio, e largo,
Reparando ruínas
De uns, e outros de novo edificando.
Como igualava o zelo
Ao ânimo bizarro,
Correspondia ao culto
A profusão magnífica do ornato
Diga-o de Mafra o Templo
Majestoso teatro,
Donde em cada prodígio
Deixou do seu espírito um retrato.
Sempre a Igreja achou nele
Pronto socorro, e quando

¹⁹ *Culto Funebre à memoria sempre saudosa de Fidelissimo Augusto, Magnifico, e Pio Monarca o Senhor D. João V, Rei de Portugal.* Collecção III. Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1750, p. 86-87.

Quis o Turco ofendê-la,
Correu por sua conta o desagravo.
Destas acções sublimes
Movido o Vaticano
Mandou que por primeiro
Fidelíssimo Rei fosse aclamado.
Sobre estes fundamentos
Firmou o seu reinado,
E qual outro Pompílio
Fechadas teve as portas do Deus Jano.
E ainda que o Reino ocioso
Se arrisca a grandes danos,
Com justas leis se via
No sossego da paz aproveitado.
Provida a natureza
O seu Reino aumentado,
Na terra produzia
Em breves pedras multidões de raios
Todo estes tesouros
Devemos ao cuidado,
Com que em paz nos manteve,
Que a guerra só produz tristes estragos.
[...]

Gaspar Leitão da Fonseca

Sonetos à morte do fidelíssimo Senhor D. João V

(Ponderam-se as palavras com que o Papa Clemente XI elogiou o mesmo Senhor na expedição naval ao Levante vitoriosa da Armada Otomana: *Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat*

Joannes, adicionando-se as de Malaquias:

Ecce ego mitto Angelum meum)²⁰

Soneto X

Se acaso admirar vens, ó Peregrino,
Da Basílica excelsa o fausto augusto,
E a obra, que por título mais justo;
Capitólio na fábrica imagino;

Ou nos jaspes de Mafra o lavor fino,
Que o delicado enlaça com o robusto,
Em uma pedra com magoado susto
Terá mais que admirar o teu destino.

Em uma pedra, que por mãos da sorte
No túmulo a João tem encerrado,
Para que o seu exemplo nos exorte;

Pois quando nela o vemos sepultado,
Edifica com uma mais na morte,
Que com quantas na vida há edificado.

²⁰ *Culto funebre á memória sempre saudosa do fidelissimo, Augusto, Magnifico, e Pio Monarca o Senhor D. João V, Rey de Portugal. Coleção III [...].* Lisboa, Oficina de Francisco Luís Ameno, 1750, p. 17.

Félix da Silva Freire

Epitáfio métrico ²¹

[...]
Que oitava Maravilha não levanta,
Templo erigido à Virgem mais fecunda,
Que até do mesmo Deus, sendo possível,
Em as necessidades foi fartura?
Nem do Egipto as pirâmides soberbas
Se elevam mais nos mármoreos assumptas,
A devassar o claro domicílio
Ao brilhante esplendor da Luz divina.
Que Augusta superior magnificência
Para os cultos, que a Deus a Fé tributa,
Não erigiu fiel, e ergueu zelozo,
Em altas Salomónicas colunas?
Quem mais do escopro os relevantes rasgos
Fez apurar, nas sacras esculturas,
Para que o bronze, e o mármore intimassem
Do busto em cada estátua uma alma infusa?
De Fídias, no candor dos alabastros
Deixando a glória que a laurea escura,
Facilitando em prémios da fadiga
Os animados, que a arte dificulta?
Não da gentilidade fabulosa
Eternizando ideias, que repugna
De outros sublimes Numes a evidência,
Em que o culto o seu mérito não frustra.

²¹ *Epitaphio metrico, consagrado ao Sumptuoso Mausoleo do Fidelissimo, e Augustissimo Rey de Portugal Dom João V. E offerecido à inconsolável dôr de seu muyto prezado, e amado Sobrinho o Senhor D. João Filho do Serenissimo Infante de Portugal o Senhor D. Francisco, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha Nossa Senhora, Ano do Senhor 1750, p. 6-7.*

Mas sim a glória ilustre dos Alcides,
Que em verdadeira, e não fingida luta,
Os da Hidra infernal vorazes colos
Fontes abatem, valorosos truncam.
E para dilatar-lhes mais a glória,
Que efigies não tirou da arte, que ilustra
Aos Apeles, Timantes, e Parrásios,
Oráculos famosos da Pintura?
[...]

Manuel Pereira da Costa

**Calíope Sacra, que em doze sonetos à Real
Fundação do Convento de Mafra consagra
reverente à Majestade Augusta, e Fidelíssima
de El-Rei D. José I, nosso Senhor** ²²

Soneto 1

Salve, Panteão sagrado, esclarecido,
Onde do Luso Nume a impulso ardente
Milagroso o cinzel, fino, e eloquente
Deu alma ao bronze, ao mármore sentido.

Salve outra vez, e mil, ó tu luzido
Do melhor Sol Palácio, que eminente
A essa esfera te elevas refulgente
Olimpo de alabastros construído.

O' nunca, Panteão sempre famoso,
Te negue o tempo a impulsos de tirano,
Cultos, que consagrar deve obsequioso.

Mas só cante, que o Numen Lusitano
Em teus jaspes lavrar quis portentoso
Uma inveja imortal ao Vaticano.

²² *Calliope Sacra, que em doze sonetos à Real Fundação do Convento de Mafra consagra reverente à Magestade Augusta, e Fidelissima delRey D. Joseph I. nosso senhor [...], Lisboa, Miguel Rodrigues, 1753*

Soneto 2

*Detém-te, ó peregrino, e reconhece
Os prodígios, que encerra este edifício
Maravilhoso avulta o frontispício,
Insigne o capitel mais resplandece.*

*Olha esse pincel raro, que parece,
Apeles reviveu nele sem vício
Observa deste cedro o artifício
O que aprendera Fídias se vivesse.*

*Que pórticos, que estátuas, que luz pura
Unir-se vejo neste jaspe atento!
Ilustre Nume inculca esta estrutura.*

*Não pode humano ser tanto portento
Toda esta sacra, insigne arquitectura
Obra foi, que desceu do firmamento.*

(Nas letras iniciais do 2º e 3º Sonetos se lê o nome do Augustíssimo Fundador)

Soneto 3

*Divina arquitectura, que elevada
Os raios douras dessa quarta esfera,
Mostrando no esplendor, que reverbera,
Incêndios, que em ti bebe iluminada.*

*Os teus voos abate, que assustada
A luzida região toda se altera,
Ou movida do ardor, que em ti venera
Ou do excesso, que alentas remontada.*

*Que pretendes? Que lá no etéreo lume,
Venerado o Monarca aplausos some;
Já que a terra por grande o não resume?*

*Novas terras, e Céus teu impulso tome,
Todo o Céu verás breve a tanto Nume
O mundo todo estreito a tanto Nome.*

Soneto 4

Sacro excelso edifício, empresa rara
Do Luso quinto João Rei sempre Augusto,
Monarca, a quem o Tejo ao Indo adusto
Vota a fama atenções, cultos prepara.

Construção gloriosa a mais preclara,
De quantas conta a idade a imortal susto,
Ter na boca do tempo aplauso justo,
Ser às luzes do Sol inveja clara.

Em ti só reverente o meu respeito,
Assombrado de tanta imensidade,
Novos cultos consagra ao Augusto peito.

Oh vive pois, e canta à eternidade,
Que igual em ti se ostenta sem defeito
A grandeza do Templo à Majestade.

Soneto 5

Atende, ó Fábio, e vê que presumido
Este Templo às esferas se remonta;
De Deus brilhante é já luzida afronta
Quanto em golfos de luz surca aplaudido.

Vê como infunde ao pólo esclarecido
Novas constelações, que altivo conta,
Olha o ar como à chama viva, e pronta,
Resplandece mais puro, e mais luzido.

Não bastara a copiar tantos primores
Esse, que em sombras deu vida a Campaspe,
Raios sendo os pincéis, luzes as cores.

Viste portento igual do Tejo ao Idaspe?
Não te parece em pompa, e resplendores
Planeta de alabastro em Céu de jaspe?

Soneto 6

Este Templo, que ao tempo assusta ufano,
Da arquitectura empenho o mais perfeito,
Raro foi, que votou à esfera aceito
Sacrifício o Monarca Lusitano.

Ao humano Serafim, ao Anjo humano,
Que a divinos rubis esmalta o peito,
Com profunda atenção, maior respeito
Edifício erigir quis soberano.

Neste piedoso obséquo o mais luzido
Conseguiu o Monarca prodigioso
Na fama eternizar-se esclarecido.

Divino o impulso foi, foi portentoso,
Pois se Casa a Francisco há construído,
A seu nome fez Templo o mais glorioso.

**Glosa ao último verso
de Camões no Canto primeiro oitava terceira**

Que outro valor mais alto se levanta

Soneto 7

Não cante Babilónia os fortes muros,
Dos Mausoléus não conte a alta vaidade
Artemisa, nem leve aos Céus a idade
Os colossos de Rodes mais seguros.

Já não viva plausível aos futuros,
Das torres, colicéus a imensidade,
Nem mereçam respeito à eternidade
Da famosa Diana os templos puros.

Cessem dos obeliscos as memórias,
E acabem nessa Roma, que as decanta,
Das agulhas, e estátuas as vanglórias.

Cesse tudo o que a fama adora, e canta,
Pois do Templo, e Monarca vejo as glórias,
Que outro valor mais alto se levanta.

Soneto 8

Não aplaudas, ó fama sonora,
Desses sete portentos a grandeza,
Que até agora a teus ecos clara empresa
Foram sempre felice, e harmoniosa.

Elevação maior, se mais gloriosa,
Acenda de teu peito a alta nobreza,
Porque eternize em métrica beleza
Nunca ouvida matéria portentosa.

Se digna acção pretendes, que a teus cantos
Imortal vida infunda, e novo afecto,
Entra em Mafra, e venera objectos tantos:

Ali verás, que a pasmo são [sic] discreto
Cada acção do Monarca mil espantos,
Imensas maravilhas cada objecto.

Soneto 9

Gigante de alabastro ao Céu subido,
Promontório de mármore lavrado,
Se Líbano de cedros fabricado,
Claro Atlante de jaspes erigido.

Quantos objectos, Templo esclarecido,
A suspensões diviso arrebatado,
Tantos em ti no imenso, e no elevado
Raros conto portentos com sentido.

A discretos empenhos de aclamar-te,
A soberanas glórias de atender-te
Tuas pompas levava a toda a parte;

Pois quisera ter só, por mais dever-te,
Se mais olhos do que Argos a admirar-te,
Mais bocas do que a fama a descrever-te.

Soneto 10

Contar-te agora, ó Fábio, as portentosas
Excelências, que anima essa estrutura,
Seria numerar da esfera pura
As estrelas, que a adornam luminosas.

Mas se a ouvir desse Templo as primorosas
Perfeições o desvelo teu se apura,
Ouve da minha boca, [a]inda que impura,
Verdades, que dirás são fabulosas.

Eu vi. Oh se o explicara em meus acentos!
Vi as tábuas falar, e repetidos
Vi no mármore frio haver alentos.

Ó Fábio, aqui parece, que ofendidos
Dos meus olhos lograrem tais portentos,
Vão morrendo de inveja os mais sentidos.

Soneto 11

A Deus sagrados mármore, que à idade
Claros portentos sois sendo adorados,
Votos à esfera ardentes, que inspirados
Consagrou reverente a Majestade.

A Deus, puras estátuas, que a piedade
Augusta nesses pórticos lavrados
A alentou, que lhe inspira duplicados,
Fez cantassem seu nome à eternidade.

Oh sempre em vós se atendam permanentes
Do coroado Numen aos auspícios,
Quantas aos olhos dais pompas florentes:

E do tempo, que prostra os edifícios,
Tantas canteis vitórias, que excelentes
Conteis mais, que alabastros, sacrifícios.

Soneto 12

E vós, Monarca Augusto, que aclamado
Esse sólio exaltais, onde eminente,
Do congelado Arcturo à Plaga ardente
Sois a esfera, imortal susto adorado.

Este meu permiti Délfico brado,
Que sem divina inspiração valente
Cantei com rouca voz menos cadente
A assunto tanto o plectro perturbado.

Se algum dia a meu peito, que o deseja Banhar,
Senhor, sagrada etérea chama,
Espero o Orbe de vós cantar me veja:

Então vereis no incêndio, que me inflama
Se à minha lira todo o Pindo inveja,
Harmonia o Céu todo à vossa fama.

Padre Alberto da Fonseca Rebelo

**Catálisis,
ou Assolação da cidade de Lisboa pelo terramoto
do primeiro de Novembro de 1755 com a
preservação do Real Convento
junto à vila de Mafra ²³**

[...]

Canto IV

Na preservação do Real Convento de Mafra

1

Pára já pobre Musa fatigada
A teu Leitor não dê maior tristeza
Se necessitas de ser aliviada
Busca-lhe algum alívio, e com presteza
de Deus a Providência compensada
com o favor faz a pena por grandeza
do seu justo governo, e no castigo
tão bem mostra ser Pai e ser Amigo.

²³ *Catalysis ou assolação da cidade de Lisboa pelo terramoto do primeiro de Novembro de 1755 com a preservação do Real Convento junto à Villa de Mafra*, composta pelo Padre Alberto da Fonseca Rebelo, natural de Lisboa e graduado na Faculdade dos Sagrados Cânones pela Universidade de Coimbra. A obra, da qual apenas é conhecida a cópia manuscrita integrada na *Biblioteca Volante* do arrábido Frei Matias da Conceição [BPNM: BibVolante 2-37-13-3 (17^o)] é constituída por cinco cantos divididos em estrofes de oitava rima e versos decassílabos. Ernesto Soares deu dela notícia em *O Concelho de Mafra* (4 Jun. 1933). O poema devia terminar com um epigrama do mesmo autor, para o qual o copista destinou seis fólhos que permanecem em branco, certamente por nunca se ter concretizado a cópia. A peça n. 18 desta miscelânea, do mesmo autor da *Catálisis* (?) e intitulada *Eco do Terremoto na destruição e incêndio da Cidade de Lisboa no 1^o de Novembro de 1755*, terminaria com o mesmo epigrama, igualmente em falta.

2

Tem o motivo da dor sido penoso
Na história que contaste lastimosa
vê que outro motivo tens para o gozo,
em uma preservação tão milagrosa,
O fatal terramoto portentoso,
que arruinou a cidade mais famosa
deixou depois de ser tudo assolado
em Mafra o Real Convento preservado.

3

O Convento quem ignora ser factura
mui nobre de grandeza mui notável
com um Templo de tão bela arquitectura,
A satisfação de um voto mais louvável
do Monarca que morto sempre dura
nos corações dos povos mais amável,
a Memória, o Amor, a Saudade,
pelo zelo, Religião e Piedade.

4

A empenhos da devoção quis levantar
ao supremo Rei dos Reis no mundo
muito digna habitação para lhe dar
louvores com o respeito mais profundo.
No Templo que levantou quis imitar
ao Rei Salomão sendo o segundo
na grandeza no primor e no asseio
maravilha lhe chamo, e sem receio.

5

Adónia se preparou com perfeição
E com tal engenho, e arte que pudesse
grande alívio motivar, e admiração

a qualquer, que no templo entrar quisesse
o gosto sempre ali terá e a devoção
matéria muito grata, sem que houvesse
até que quem tal louve com ternura
esta obra de notável formosura.

6

Das pedras o diverso colorido
dos olhos é objecto mais mimoso
sendo rija matéria, e bem polido
O Louvor que há nelas o faz custoso.
O empenho dos Mestres era subido,
Ao empenho do Monarca obsequioso
que os Régios Tesouros fez patentes
pasma do mundo, admiração das Gentes.

7

Na Basílica Régia estamos vendo
altas colunas, pórticos famosos
tribunas e estátuas todas sendo
de grande corpulência, em que os pasmosos
Artífices a bela arte exercendo
mostraram que os seus cortes primorosos
vencer podem a matéria ainda que dura
e contá-la com mui nobre formosura.

8

O zimbório foi milagre de engenho
de altura pasmosa e de lindeza
tão agradável à vista com o empenho
o principal do gosto e da grandeza
em termos adequados, já não tenho
para dizer a perfeição e a firmeza
desta obra tão Real tão peregrina,
não parece que de humana, mas divina!

9

Quando por fora a vês admirado
ficarás, vendo assim tão levantada
a fachada soberba e sublimado.
O pórtico de uma obra delicada
duas torres o fazem respeitado
da melhor arquitectura e apurada
cento e quatorze sinos nela tocam
o gosto as belas vozes nos provocam.

10

Dois palácios de igual magnificência
um da parte sul, outro do norte
ambos dos Reis para sua residência
o templo compreendem, e desta sorte
mostram com mui boa providência
que ao decoro lhe servem e ao forte
fazendo o Frontispício respeitado
mais seguro, formoso, e dilatado.

11

Aos padres da Arrábida penitente
Dignos filhos do Serafim chagado
quanto o Rei os amava fez patente
no Convento por eles habitado.
Com real devoção com zelo ardente
foi a Maria Santíssima dedicado
e ao Santo Português António digo
deixando-lhe a conservação e o abrigo.

12

Outro Rei temos mais José primeiro
Fidelíssimo Augusto e Poderoso
do Augusto Pai Retrato verdadeiro
Pacífico, Liberal e Piedoso

Agora ocupa o Trono como cordeiro
das virtudes do pai, pois cuidadoso
não falta à devota comunidade
na contínua protecção e piedade.

13

Dela muito dignos são, são a credores
Pela suma perfeição teor de vida
Os padres do Convento habitadores
da mais pura observância bem sabida.
A Deus continuam os seus louvores
nas sagradas funções nas quais convida
A todos do seu canto o primor grato
das cerimónias o modo tão exacto.

14

Até no número é grande e notável
Desta casa a Família Franciscana
de trezentos é o numero incontrastável
A soberba infernal cruel e insana
na humildade e concórdia muito amável
na caridade entre eles soberana
Assim se fazem com a maior propriedade
retratos da virtude e santidade.

15

Das Letras, que direi e da Ciência
destes religiosos tão perfeitos
Um colégio do Rei e Providência
fundou para criar sábios sujeitos
o intento logrou com evidência
que assim discorrem todos nos conceitos
que formam e confessam igualmente
ser melhor a virtude que é ciente.

16

Nesta de Minerva residência
[?]ou sábia Academia se exercita
o engenho no estudo da ciência
nem de auxílio estranho necessita
das artes literárias a excelência
irem os sábios da corte muito incita
arguir nas conclusões em cada ano.
Sendo o acto vistoso e soberano.

17

Foi preciso falar a pobre Alma
como pode com estilo limitado
de um Convento Real, pois não recusa
de o expor das ruínas preservado.
Semelhante notícia não se escusa
por fazer o sentimento aliviado,
que a todos penetrou no lamentável
estrageo de Lisboa o mais notável!

18

A tempo, que os padres celebravam
a Missa principal, no mesmo dia
igualmente com o povo se assustavam
do trovão que em toda a parte se ouvia
quando as pedras do Templo se abalavam,
então julgaram todos que caía.
O abalo foi mui grande e foi de sorte
que logo indubitável fez a morte!

19

Como notável é a corpulência
Da[s] máquina[s] que compõem o Templo Augusto
nele então era maior a violência
que se sentia deste [terra]moto tão robusto.

A todos assim mostra a experiência
ser o combate maior, máximo o susto,
em contrários mais fortes e alentados
nas Lutas, nos Combates porfiados.

20

Crescia cada vez mais o perigo
nas abóbadas o eco retumbava
pelo horroroso estrondo que consigo
trazia o terremoto que assombrava
fugia o povo buscando algum abrigo.
Aos ministros do altar afugentava
este espantoso abalo repentino
este caso, que dispôs alto destino.

Canto V

1

À maneira de nau, que na tormenta
muitas vezes se abate e sobe ao alto
para um lado se inclina e experimenta
para o outro, do vento novo assalto.
Os mastros faz ranger, a tudo intenta
submergir entre as águas, assim falto
de valor o piloto larga o leme.
A Deus misericórdia então só pede.

2

Assim se via a Igreja flutuando
já de um, já de outro lado combatida
o mui alto zimbório já vergando
e a máquina das torres perseguida
Já o Real Convento suportando
do terramoto a fúria tão temida

supondo que o mundo se acabava
com fervor cada um a Deus clamava.

3

Neste rigoroso aperto tão evidente
assustados os bons religiosos
recorrem ao Celeste Pai, Pai clemente
e aos Santos em Deus só milagrosos.
Em devota Procissão e penitente
súplicas repetem, rogos piedosos
acompanhando o povo assaz medroso
e suplicando o auxílio poderoso.

4

Mas da força maior, mais poderosa
que a oração, que a Deus obriga e rende
pois, nem empresa qualquer dificultosa
deixa de conseguir como pretende.
Já o sol fez parar, cousa pasmosa!
Orando Josué como é evidente
se a penitência à oração faz companhia
logo a tristeza se volta em alegria.

5

No monte ao Senhor, Moisés orava
e do Senhor alcançava o que queria
com os braços levantados debelava
orando, ao forte inimigo, que cedia.
Porém, quando cansado os baixava
aquele logo então prevalecia.
Orando assim Moisés a penitência
e a oração nos mostra sem violência.

6

De modo semelhante então usaram

os bons religiosos, e a mais gente
nem o Convento, nem o Templo perigaram
compadecido o Senhor Omnipotente.
A Palavra Divina a ele pregaram
o povo se mostrou mui penitente
tudo eram Conversões, tudo clamores
tudo enfim penitências, e rigores.

7

Dizei árvores, as que então aí faziam
nessa Cerca os varões tão penitentes
os golpes em seus corpos repetiam
contra si se mostravam inclementes
Com jejuns suas carnes consumiam
Eram as rogativas permanentes
mas vós arbustos mudos insensíveis
Se as pudesseis dizer, seriam incríveis.

8

Patente fez logo o Céu a piedade
de armas, assim tão fortes já rendido,
por mais que do abalo a crueldade
queria o Real Convento destruído.
Combatia o [terra]moto, mas de balde
por ser o Sagrado Templo protegido
da Rainha do Céu a Protectora
e de António tão aceito da Senhora.

9

Outro motivo temos bem fundado,
vendo livre assim por alto destino,
um convento, e um Templo consagrado
samente a Deus, e a seu culto divino.
De que Deus assim o teve conservado
para prémio do zelo, e amor fino
do Rei, que no seu culto mais cuidava

e a todos os mais Reis exemplo dava.

10

Deus no louvor perene que tributa
ao seu Nome e Família tão devota
cumprindo atenção do Rei a executa
de outro alheio cuidado bem remoto.
Além do prêmio que no céu deputa
para estes seus servos, já denota
que quis ser este Templo preservado
para sempre por eles ser louvado.

11

Porque nem só agora Deus livrara
de tão grande perigo ao convento
outro também horroroso o assaltara
do qual edifício nenhum está isento.
No ano de trinta e cinco se armava
uma fúria de raios, ou um portento
sobre o grande edifício, e parecia
que de todo se arrasava e se perdia.

12

Em Junho no dia oitavo, em que o Mistério
do Corpo do Senhor se celebrava
dos padres com mui nobre ministério
em procissão, pelo Templo já entrava.
Às seis da tarde se notou o mistério
cheio de espessas nuvens, que assombrava
os ares muito grossos, e inflamados
horrendos os trovões continuados.

13

Não só uma não, mas outra tempestade
pelo norte e pelo sul se combatia

nenhuma foi maior na nossa idade
O Céu chamas de fogo despedia.
Todo o povo da vila à piedade
de Deus sacramentado recorria,
as suas casas deixando, se acolhiam
ao Templo, entendendo, que morriam.

14

Os raios eram tantos, caso estranho!
Que chovendo uns com outros pelejavam
o incêndio despedido era tamanho
que ser assim do mundo, assim julgavam
todos já, como tímido rebanho,
da morte o seu duro golpe aguardavam.
As gerais confissões ali faziam
do coração ao Senhor se convertiam.

15

Terminou-se com efeito a tempestade
que seis horas durou, sem que pudesse
a Régia obra ofender por ser vontade
do Altíssimo, que assim prevalecesse.
Resistiu do tremor a crueldade
Venceria, se ainda se atrevesse
contrário qualquer, sorte que seja
porque o Auxílio celeste mais se veja.

16

Louvado seja Deus eternamente
pela consolação já concedida
ao Rei, que hoje reina tão clemente
e aos Padres do Convento a medida
do pesar, e da dor tão veemente
que tiveram na cidade destruída
por lhes deixar, por alta Providência
isenta a obra da geral violência.

17

Aqui forçoso é justo motivo,
para que a Musa os parabéns repita
ao Piíssimo Rei pelo incentivo,
do gosto, que mui grande se acredita
viva pois largos anos em plausivo
e em feliz Império, a cuja dita
Aspiram dos vassalos as vontades
os mais Leais em todas as idades.

18

Aos do Real Convento habitadores
Religiosos de exemplar piedade
parabéns dê a Musa e dê louvores
do gozo, que tiveram, e com verdade
de maiores encómios são credores,
pois na grande aflição da nossa idade
ao povo consolavam e acudiam
às almas, e aos corpos, tão bem como podiam.

19

Vive pois a feliz Comunidade
continua vossa vida inocente
executa tua muita piedade
cumpre com a profissão tão penitente.
Imita de Francisco a Santidade
e o Seráfico amor mais excelente
de ti se agrada o Senhor, a quem servindo
no céu te fica o prémio prevenindo.

20

Põe já termo, ó Musa envergonhada,
da pobreza desse teu fraco talento
mas parece seres só desculpada
conhecido, qual foi, de ti o intento.

Bem sentido, com dor, e magoada
da destruída Lisboa em um momento
quiseste te ajudar da Poesia
buscando em tanta mágoa companhia.

*In laudem Regalis Templi Mafrensis Ejusdem Authoris
Epigrama*

*Regisico Mafra quid Templo pulchrius extat?
Si melius quaris protinus astrapete*

Vieira Lusitano

O Insigne Pintor e Leal Esposo ²⁴

[...]
Quase cinc'horas cantavam
No relógio da Gamenha,
Torre do grão Canevari,
Que lhe ficava fronteira:
Jóia que o fatal destroço
Fez, que deposta por terra
Fosse por causa da antiga
Base em que só padecera.
Que bem que outra vez não surja
Por invido algum sistema,
Nem já por isso do insigne
Romano a memória esqueça.
Do qual sublime talento
Deixastes Mafra de erecta
Ser: defraudou-te essa dita
Não sei qual Fada perversa.
E do grão Pipo Juvara,
Que já foi nosso, puderas
Também ter sido constructa
Para nos ter Roma inveja.
Que a tanto Rei a tal obra
Cada qual deles bem era
Digno de servir; foi mágoa

²⁴ *O Insigne Pintor e Leal Esposo* [...], *Historia Verdadeira, que elle escreve em Cantos Lyricos, e offerece ao Illust. e Excellent. Senhor Jozé da Cunha Gran Ataide e Mello, Conde, e Senhor de Povolide, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Gentil-homem da sua Real Camara, Commendador da Ordem de Christo, Alcaide mór da Villa de sernanselhe, etc.* Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1780, p. 578-581.

Baldar-se a forte, e perdê-la.
Porém não obstante, narram
Com preciosas durezas
Do Rei magnânimo a glória
Tantas pedras sobre pedras.
Assim lá nessas do Egipto
Pirâmides estupendas,
Não faz a elegância faltas
Ao resplendor da grandeza.
Naquele edifício eterno,
Vasto Olimpo de riquezas,
Do Magno Herói veneramos
A sacra munificência:
Que viva a sua memória
Desejamos, e que tenha
De celestiais diamantes
Fulgentíssimos diademas.
E seu sucessor Augusto
Fidelíssimo, que seja
Feliz sempre, e nos levante
Uma Metrópole eterna.
E que do Ítaco o nome
Na prostrada se obscureça,
E na de novo erigida
Outro mais claro se leia.
Se com profano apelido
Uma infeliz jaz desfeita,
Outra para ser ditosa
Em seu santo nome se erga.
De um Divo Conditor Urbis
A nova Cidade eleja
O sacro título insigne,
E se sepulte o da velha.
[...]

João Jorge de Carvalho

**Gaticanea,
ou Cruelíssima Guerra entre os Cães e os Gatos,
decidida em uma sanguinolenta batalha
na Grande Praça da Real Vila de Mafra** ²⁵

[...]

Nasci na régia Mafra, a mais famosa,
Que de Apolo circunda a luz formosa,
Não somente por sua antiguidade,
Mas também pela rara majestade
De seu grande edifício, que primeiro
Tem lugar entre os mais no mundo inteiro.

Ele tem quatro frentes, ou fachadas,
Com janelas tão grandes, e rasgadas,
E feitas com tal arte, que por belas
Um pórtico parece qualquer delas.

Em duas ordens postas em redondo
Tão bela perspectiva vão compondo,
Que na primeira vista o palmo ordena,
Que nem as louve a voz, nem pinte a pena.
Tal comprimento tem qualquer dos lados,
Que os grandes Canzarrões mais alentados,
Vistos dum no outro extremo mais, ou menos,
Cachorrinhos parecem muito pequenos.

No frontispício, a bela arquitectura

²⁵ *Gaticanea ou cruelíssima guerra entre os cães, e os gatos, decidida em huma sanguinolenta batalha na Grande Praça da Real Villa de Mafra*. Escrita por [...]. Lisboa, Oficina Patr. de Francisco Luís Ameno, 1781, p. 43-48.

Brilha com tão distinta formosura,
Que julgo ter, (e nisto bem me fundo)
Maravilha maior de todo o mundo.

As ordens tosca Dórica, e Composta,
A Jónica, a Coríntia bem disposta,
Tudo se vê com gosto executado
No grão mais singular, mais levantado.

Colunas de grandeza portentosa
No pórtico maior a vista goza
Nas três portas soberbas, que na entrada
A perspectiva formam da fachada.

Mil estátuas de mármore, polidos,
O chão todo em xadrez com embutidos,
As torres, que nos lados vão subindo,
Mil sinos pelos ares retinindo,
Que sendo por mão desta ali tocados,
Os minuets foram bem treinados.
Distinguem-se também nesta fachada,
Por maravilha grande, e sublimada,
Dois grandes torreões, que na grandeza
Outros não têm a vasta redondeza.

Um zimbório soberbo, e sumptuoso,
Que na Região Etérea do ventoso,
E sublime Hemisfério vai tocando
As nuvens, que nos ares vão girando.

De festões adornado, e belas flores
Formadas em diversas lindas cores,
De pedras muito finas, e polidas,
Na região do vento suspendidas.

Senhor, que erigiu este edifício,
Nos mesmos torreões do frontispício,
Mandou, que Paço Régio se fizesse,
Que a seu grande poder correspondesse;

No qual respira, sem contradição,
A grandeza de um Régio coração,
Que a fama há-de cantar com gosto, e glória,
Enquanto neste mundo houver memória.

Uma soberba praça está pegada
À frente principal desta fachada,
De excessiva grandeza, e tão formosa,
Que vence a narração do verso, e prosa.

Pretende nela o General potente,
Que a ti me envia, ou manda, Cão valente,
Formar da Guerra o campo, que em verdade
Tem para a nobre acção capacidade;
Na qual se podem ver muito bem formados
Um milhão de milhões de bons soldados.

O sítio é muito alegre em todo o ano,
Vê-se de longe o grande mar oceano,
No qual se perde a vida, ou se termina,
Onde Febo morrendo a luz inclina.

Um senhor muito sublime, e muito ilustre,
Da nobreza maior, portento, e lustre,
Nesta vila uma Quinta grande, e nobre
Tem, que de bosques fresca sombra cobre.

Magníficos Jardins muito bem lançados,
De soberbas estátuas adornados,
E cristalinas fontes de repuxo
Borrifando de longe o verde buxo;
E logo mais abaixo um manso rio
Correndo vai com brando murmúrio.

Tem praças, lagos, tanques, e capelas,
E ruas tão formosas, que por elas
Podem correr cem Cães emparelhados
Dos que do corpo são agigantados.

A todas vai cobrindo fresca rama,
Que nem do Sol penetra a viva flama.
Mil diversos contentes passarinhos,
Pendurados nos troncos, e raminhos,
Festejam com suave, e doce canto
Da rubicunda Aurora e rosto santo.

Este lugar tão majestoso, e belo
É de um grande senhor, que alto desvelo
Lhe pôs na sua penetrante ideia
A poderosa mão da sábia Astreia;
Da qual o grão poder a sorte guia,
Até onde em berços de ouro nasce o dia.

Na formosa cozinha bem lançada
Do paço desta Quinta, a desgraçada
Contenda sucedeu, que foi motivo
De se abraçar Maluco em fogo activo,
Desejando acabar num só momento
A quantos Gatos põem seu rabo ao vento.

Carroça tem por nome o Cão brioso,
Que do Gato sofreu o ardor furioso,
E que buscou no grande Maluco invicto
Vingança a mais cruel deste conflito.

Este forte Maluco destemido
Nas grandes forças é tão destemido,
Que nunca as gentes viram no tamanho
Tão desconforme bruto, e tão estranho.
É grande, como um touro, e dois carneiros
Somente numa ceia mama inteiros;
Tem dois palmos, ou mais, qualquer orelha,
Parece um Leão bravo na gadelha,
A cauda tem dez varas de comprido,
Os montes faz tremer o seu latido.

As portas lá do Inferno o grande Cérebro
Não guardaria nunca horrendo, e fero,

Se primeiro o terrífico Plutão
Soubesse deste grande Canzarrão.
[...]